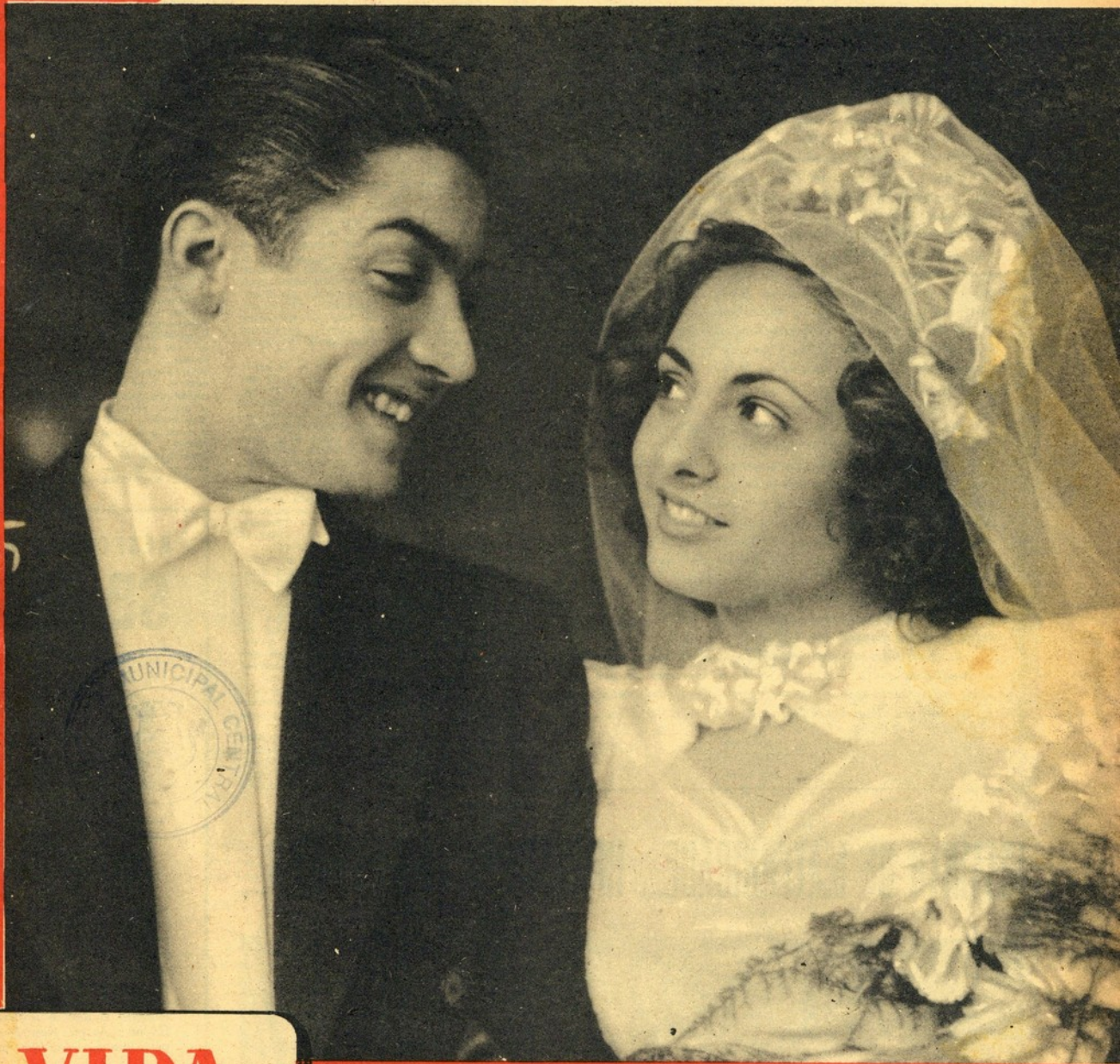


ANO III N.º 134  
9  
DE DEZEMBRO  
1943  
PREÇO AVULSO  
E S C . 1 \$ 5 0

Oferta  
10. NOV. 1998

# A MILÚ CASOU!



**VIDA  
MUNDIAL**

# ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



DO MEU DIÁRIO

**H**A dias em que, sem sabermos porquê, nos sentimos mais «perto» das coisas, em que, por circunstâncias que ignoramos, a nossa sensibilidade parece mais «afinada», em que os mais pequenos detalhes nos fornecem matéria para pensar. Dir-se-ia que êsses detalhes se «agarram» a nós, nos perseguem até conseguirmos dar-lhes solução ou simplesmente conclusão. Foi o que me aconteceu há dias.

Eu ia para casa, era tarde, chovia e a rua deserta, o barulho dos meus passos a esburacarem o silêncio da noite, o asfalto encharcado, tudo parecia aumentar o aspecto lúgubre e triste da minha rua. Seguia pelo passeio, cantarolando baixinho — um hábito que sempre tive — talvez para esquecer amarguras que a noite, nem sei porquê, me lembrava. De repente, aquêl vulto encostado, no vão duma porta, fêz-me parar de cantar. Porquê? Não sei. Qualquer coisa me dizia que me devia calar. Para mim, cantar naquele momento equivalia a um crime. Foi esta a sensação que tive. Olhei o vulto, passei e segui para casa. Mas, «agarrada» a mim, ficava qualquer coisa. Qualquer coisa que me seguia como uma sombra triste.

Já em casa, fiquei a pensar... a pensar em quê?... Naquele vulto, naquele pequeno incidente sem importância que parecia impor-se dentro de mim como um «caso». Sentia uma tristeza infinda percorrer-me, uma angústia enorme que não explicava. Havia um não sei quê naquele vulto que era mais forte que a minha vontade para o esquecer.

E, de repente, tudo me pareceu luminoso, simples. Eu, que passara diante daquele vulto quasi sem o olhar, via-lhe agora a face descarnada, a tristeza do olhar, a angústia da sua atitude e, acima de tudo, a tristeza que emanava de todo o seu ser. Via-o agora como não o vira ao passar junto d'êle: o baixar dos olhos ao dar com os meus, insistentes, curiosos, e o gesto que tivera encostando-se mais à ombreira da porta como se quisesse confundir-se com ela, como se quisesse fugir ao meu olhar, envergonhado. Agora tinha a certeza. A certeza absoluta. Aquêl homem tinha fome! E eu passara quasi sem o ver, sem dar com a sua miséria, sem «ligar». Fôra por isso que cessara de cantar, fôra por isso também que aquela sensação estranha de mal-estar me perseguia.

Remexi nas algibeiras, encontrei uma moeda e saí para lha dar. Eu sabia que já não dormiria, sabendo-o ali à chuva e ao vento. Tinha a impressão de que aquêles olhos me perseguiriam por toda a parte, não como uma ameaça mas como um castigo.

Meia hora depois, voltava a casa. Percorrera toda a rua, investigara todos os vãos de escada, mas o homem já lá não estava.

E, agora, todas as noites, quando passo diante daquela porta, tenho a sensação de que o vejo ainda, tenho a impressão de que aquêles olhos tristes continuam a fixar-me, como se quisessem «lembrar-me» a sua existência em qualquer parte... por aí... ao voltar duma esquina...

ROGERIO

AS CORTES ABRIRAM ONTEM!

**E**STE dia — 10 de Junho de 1842 — ficará sendo, sem dúvida, um dia histórico. Desde a restauração da Carta, após uma interrupção de seis anos, é hoje a primeira vez que se reúne em Lisboa a Câmara dos Pares.

Correm as notícias mais aterradoras. Na volta que dei esta manhã pela cidade, apenas vi rostos e olhares desconfiados. Fala-se de uma revolta dos anarquistas.

Todavia, a manhã acordou radiosa. As ruas por onde há-de passar o cortejo estão ricamente ornamentadas. Ainda é cedo, mas o povo acorreu em massa para apanhar os melhores locais. Das janelas pendem alcatifas e centenas de bandeiras, com as novas cores nacionais, tremulam batidas pela brisa.

Fui até S. Bento, à antiga abadia beneditina que se converteu em propriedade nacional. O aspecto é impressionante. Os Pares ocupam o lado direito do trono, e os deputados o esquerdo. Nas tribunas laterais, vemos altas personalidades da corte e o corpo diplomático. Mesmo ao meu lado, está Monsignor Capaccini, com a sua inteligente expressão de tranquilidade. Por detrás d'êle, fica o diplomata da Áustria, de uniforme branco. Troco um sorriso com lord Howard que cumprimenta o representante da Suíça.

Momentos depois, entra a Imperatriz, acompanhada do Marquês de Rezende, o seu mordomo-mór. O Duque de Palmela, presidente da Câmara dos Pares, apresenta-se majestosamente envolvido na sua capa de seda. Sente-se, por toda a vasta sala, uma atmosfera de tranquilidade que desmente os boatos que lá fora circulam.

A sessão vai começar! Acabam de se ouvir alguns tiros de peça, o que significa que a Rainha está prestes a entrar na sala. Todos ocupam os seus lugares. O Duque da Terceira tem um ar tão perturbado como se estivesse num campo de batalha.

Toda a sala se levanta. As personalidades reais fazem a sua entrada, precedidas pelos porteiros de câmara, com as suas maças de prata. Seguem-se os reis de armas e os seus passavantes, os grandes oficiais da casa real, as damas de honor da Rainha, a bandeira nacional, a espada e mais insignias do paço que são transportadas pelos respectivos oficiais da coroa.

Todos os olhos estão postos na Rainha. Sua Majestade traz um vestido de cauda cor de rosa, bordado a matiz e ouro e dá o braço a El-Rei.

Suas majestades sentam-se. Costa Cabral, Digníssimo Ministro do Reino, aproxima-se, curva o joelho, e apresenta à Rainha o discurso do Trono. «Dignos pares do reino e senhores



deputados da nação portuguesa» — lê Sua Majestade — «O voto nacional espontaneamente manifestado nestes reinos me determinou, em desempenho do mais sagrado dever, como lei fundamental do Estado, a Carta Constitucional da Monarquia, outorgada pelo Meu Augusto Pai de saudosa memória. É nossa missão consolidá-la; e Eu confio em que a desempenhareis. Espero do patriotismo das côrtes todo o desvelo no desempenho das suas funções, para se fixarem uma vez as bases do sistema de fazenda, desenvolver de novo os importantes recursos das possessões ultramarinas e aperfeiçoar todos os ramos de administração d'êste reino.»

Terminada a leitura, Sua Majestade levanta-se e pelo braço do seu real espôso deixa a sala pela mesma ordem com que havia entrado. Segui Suas Majestades o mais de perto que me foi possível. Entraram para um formoso «coupé» inglês, puxado por seis cavalos. Atrás, formou-se luzido cortejo, que deu a volta pela cidade, passando pelas ruas engalanadas onde o povo, entusiasmado, vitoriava Suas Majestades. Era já notinha quando o cortejo recolheu. Afinal, as Côrtes abriram e não houve sequer o mais leve sinal de revolta. Os boatos, como se vê, não têm fundamento a maior parte das vezes...

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Cartas e postais continuam a chegar à nossa redacção. O leitor tem e deve ter sempre a certeza de que encontrará aqui uma porta, umã janela aberta donde pode lançar para a rua os seus pedidos de justiça. Todavia, é a primeira vez que recebemos uma queixa em verso. São algumas engraçadas sextilhas que um nosso camarada de imprensa, muito conhecido pelas suas gazetilhas teatrais, nos envia e que foram inspiradas por esta secção...

*Num carro, gente que fuma não dá passagem nenhuma na plataforma. Deixisto de subir, e com desgosto vejo, livre, muito encosto... Está de acôrdo com isto?*

*Com grande desatavio vendem flores no Rossio algumas pobres de Cristo que mais parecem condões que vendedeiras de flores... Está de acôrdo com isto?*

*Os ovos! A procurá-los andam milhões de alfacinhas com um furor nunca visto.. Caparam todos os galos e fazem greve as galinhas... Está de acôrdo com isto?*

*Quanto ao teatro, as estreias são mentiras às mãos cheias e já de lê-las desisto: mil vezes anunciadas e outras tantas adiadas... Está de acôrdo com isto?*

*Pessoa velha que assista a uma nova revista só vê que é visto e revisto quanto a revista contém, nada de novo lá vem... Está de acôrdo com isto?*

*Pobre Frei Luiz de Sousa! Vão arrancá-lo da lousa e pô-lo à moda. P'lo visto, o pobre, sem que respingue lá vai dançar o «swing»... Está de acôrdo com isto?*

*Chamam-nos filhos dilectos dum país de analfabetos e com isso me contristo; porém, segundo os jornais, fazemos livros a mais... Está de acôrdo com isto?*

*Como fama não pretendo e pessoa alguma ofendo nestes casos que registro, eu os digo e recrimino, mas assinar, não assino... Está de acôrdo com isto?*

RESPONDEM AS SENHORAS:

SE FOSSE HOMEM, O QUE FARIA?



**E**M momentos de zanga, de aborrecimento ou de revolta, quantas vezes não temos ouvido as senhoras exclamar: «Ah, se eu fosse homem?»

A frase, tão pequena, encerra, contudo, um mundo de reivindicações. Mas que reivindicam as senhoras nesses momentos?

E em que pensam, que desejariam ser ou fazer se em vez de mulheres fôssesem homens, com umas calças compridas, uma cara barbada, modos viris e tudo o mais? É esta a razão do presente inquérito. Na banca do repórter uma lista telefónica, um telefone. E todo o material. O resto foi-lhe dado pela vontade e pela simpatia das senhoras que interpelámos.

UMA POETISA

O primeiro nome que nos ocorre é o de Fernanda de Castro, a poetisa de «Daquém e dalém alma», a criadora dos Parques Infantis, onde a pequenada de Lisboa traquina ruidosamente. — O que faria se fôsse homem? O mesmo que faço sendo mulher. Escreveria e ocupar-me-ia de questões sociais... Mas... Sim, se fôsse homem talvez tivesse maiores facilidades em realizar os meus pensamentos.

UMA CANTORA

M.<sup>ma</sup> Maria Leveque de Freitas Branco é um nome que toda a gente conhece. Mas que faria ela se fôsse um homem?

— Não sei... não sei... — responde. — Com franqueza ainda não pensei nisso... Se fôsse homem, não teria filhos mas, em contrapartida, teria outras responsabilidades...

Faz uma pausa, para rematar com firmeza:

— Não. Decididamente não gostaria de ser homem!

UMA MÉDICA

Calha a vez à dr.<sup>a</sup> Sara Benoliel. Ao ouvir a nossa pergunta, tem uma gargalhada alegre, saltitante:

— Se fôsse homem? Oh, nem me diga! Se fôsse homem metia-me num avião, em busca da verdadeira liberdade, a liberdade do ar!...

UMA ESCRITORA

Alice Ogando estava a jantar quando toca o telefone.

— Alô?

— Escute: o que faria se fôsse homem?...

Alice Ogando pôs-se a falar de enfiada, tal como se estivesse a ditar um dos seus romances. Eis, em resumo, o que conseguimos reter:

UMA ARTISTA DE CINEMA

Teresa Casal, a mais elegante vedete do nosso cinema, não sabe o que responder. Para ganhar tempo, ri, ri. Mas o repórter insiste:

— Não pense! Diga espontaneamente!

E ela: — Bem, se fôsse homem, seria marinheiro, mas um marinheiro a sério, com calos nas mãos, o cachimbo e... e... uma perna de pau!...

UMA DESCONHECIDA

Para terminar, faltava apenas saber a opinião de uma senhora anónima. Pegámos no telefone e, ao acaso, marcou-se um número.

— A senhora está? — Um momento. Depois ouve-se uma nova voz: — Que deseja? Explicou-se tudo.

A senhora presta-se a responder:

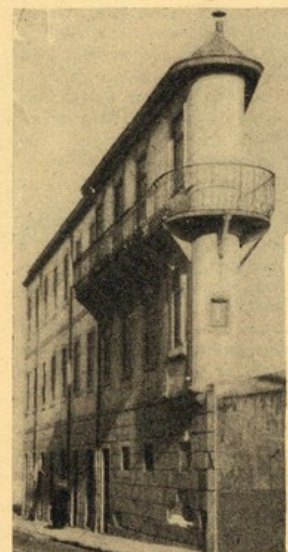
— Gostava de ser homem e sabe por quê?... Para poder usar bigode!...

E pronto, tinha-se dado a volta a Lisboa, em busca de respostas. O leitor, agora, que tire as suas conclusões...



REPÓRTER UM

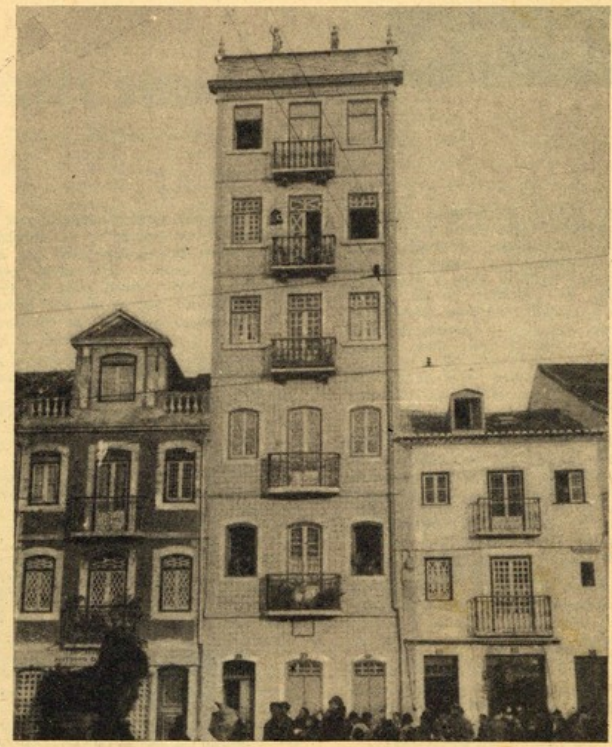
FANTASIAS...



Já repararam nestas casas? Conhecem-nas? Pois ficam todas elas em Lisboa, em ruas por onde nós habitualmente passamos. Mas são tão extravagantes, não são?



Fazem-nos lembrar... (mas é melhor não dizer nada, pode alguma delas pertencer a um dos nossos leitores...)



INSTINTO DE MATERNIDADE... INSTINTO DE CONSERVAÇÃO...





UMA PALAVRA ANDA NO AR...

**H**A três semanas que se registam aqui os indícios de quanto os mais optimistas consideram sinal possível de próximo fim das hostilidades. E sempre assim: por muitos anos, a guerra parece coisa inevitável. Não obstante, tantas vezes é adiada que, quando a vemos chegar, quasi succumbimos de espanto, sem ânimo para crer no que já então é simples e cruel realidade. Depois, antes que venha a paz, tanto se fala nela, que sempre tudo nos parece não ter mais consistência que o boato vago e irresponsável. O anúncio do encontro Churchill-Roosevelt-Staline foi acolhido, nalgumas esferas, como sinal evidente de que não podia estar longe o termo da guerra. Houve mesmo quem desde logo sentenciasse: «Se é verdade, isso é a paz».

O certo é que, coincidindo com a intensificação dos bombardeamentos aéreos aos grandes centros alemães — Berlim à cabeça —, se revelaram muitos sinais de que poderia, realmente, haver alguma coisa. O próprio dr. Goebbels, no seu discurso de 28 de Novembro, repeliu, por entre brados de admiração pela atitude firme das populações, a ideia da capitulação sem condições. Isto que queria dizer? Em boa verdade, a interpretação de frases desta natureza, jogadas no próprio ritmo dos acontecimentos, quer dizer apenas aquilo que os próprios acontecimentos, algum tempo depois, permitirem que se entenda... As grandes frases, nos momentos mais transcendentais, embrulham-se num manto de vago: cada um fica com a possibilidade de descobrir nelas a sua própria interpretação; quem as profere — e o autor é, afinal, o mais legítimo intérprete — sempre fica com o direito de fazer, a todo o tempo, a conveniente «mise-au-point». Não obstante — talvez por isso mesmo... — houve quem entendesse que, ao repelir a ideia da capitulação incondicional, isto queria dizer que se repudiava o carácter incondicional, mas que se retinha, de qualquer modo, a ideia de capitulação. Ao mesmo tempo, referiram-se as actividades do embaixador von Papen, cujas deslocações foram asinalladas. Tudo isto, muito bem agitado no «shaker» do sensacionalismo pelos mais requintados especialistas, dá um admirável «cocktail» para servir à opinião internacional com a apetecível etiqueta de «Paz»...

A verdade é que, ao fim de quatro anos e três meses de guerra, levada, em alguns campos, a um grau de violência e de sofrimento que bem parece exceder tudo se previra antes da sua eclosão, a opinião internacional parece já suficientemente amadurecida para aceitar como boa a ideia de que o fim pode muito bem estar para breve — e isto tanto resulta do ritmo, intensidade e rumo de movimento das operações terrestres — mesmo das que se desenvolvem ao longo das águas do Pacífico, saltando de ilha em ilha —, como do recrudescimento da escala de intensidade e de repetição dos bombardeamentos aéreos. Ao fim de algum tempo, pode perguntar-se, realmente, qual o destino da resistência. Por muito heróica que ela se evidencie, por muito tenaz que se mostre, por muito alto que se revele o poder de sofrimento — há-de reconhecer-se, em boa verdade, que não é para isso que os povos se decidem ao supremo sacrificio da guerra.

J. R. S.

Qual é o verdadeiro Churchill?



**S**IM, olhem bem para estas fotos, confrontem, traço por traço, desde a ponta dos cabelos até à ponta do queixo, e digam lá qual dos dois é o verdadeiro Churchill!

Os jornais ingleses referem-se, às vezes, a situação picarescas, por causa da semelhança entre este cidadão britânico, o sr. Bob Leat, e o Primeiro Ministro, Winston Churchill. Não há dúvida que são parecidísimos — mas o leitor, com um pouco de boa memória, não será capaz de identificar cada um deles?

Pois, então — aqui têm: para que não haja mais discussões, aqui vai a explicação:

Winston Churchill vê-se na foto superior, cumprimentando Harry Hopkins quando o amigo pessoal de Roosevelt visitou Londres em missão oficial.

Em baixo, esse, sim, é que é o sr. Bob Leat a fumar o seu charuto numa atitude verdadeiramente... churchileana!

Vão lá dizer que os homens invulgares não são vulgares! Churchill não tem só um «sósia onomástico»: tem, no também físico. O que não tem, com certeza, é um sósia politico em toda a Inglaterra!

ALEMANHA

A imprevidência do Alto Comando Alemão custou três milhões de liras, um palácio e mil vidas

**A**espionagem continua a ser uma arma de ataque e de defesa para as potências em luta. E neste ponto, sabe-se como a Alemanha é previdente. Com a correspondência — mesmo destinada ou vinda de potência aliada — as medidas de defesa são excepcionais: virtualmente, nenhuma pode eximir-se aos serviços de censura. Do mesmo modo, nenhum alemão pode sair do país com fotografias, livros ou correspondência que não seja metódicamente analisados pela censura — sendo os objectos censurados, devolvidos em envelopes especiais, no momento de ser atravessada a fronteira.

Isto, entretanto, não quer dizer que pelas malhas da rede apertada, não se escapem certos «peixes», às vezes, até, por imprudência alemã. E, precisamente, um caso sensacional ocorreu quando os anglo-americanos ocuparam a Itália.

Em 23 de Setembro, o alto-comando alemão radiodifundiu, pela Emissora de Roma, um comunicado à guarnição de Bolonha: devia comparecer, em massa, às 9 horas da manhã seguinte, diante do quartel-general, para assistir à recepção a Mussolini que regressava da Alemanha.

Naturalmente, os anglo-americanos captaram a comunicação — se eles têm funcionários especiais para tanto! — e gravaram-na em disco, enviando-a depois ao seu quartel general. Deste modo, a aviação anglo-americana sentiu-se no dever de comparecer — não obstante haver um ditado que diz: a boca e a baptizado, não vão sem ser convidado...

E, assim, pelas 11 horas, quando as tropas de Bolonha assistiam, em grande parada, à recepção, surgiu a aviação anglo-americana que metralhou impiedosamente as praças e fez fugir o povo espavorido que assistia à recepção.

A imprevidência alemã, aproveitada pela espionagem — custou cerca de mil vidas italianas e alemãs.

Mussolini ficou profundamente impressionado e pôs à disposição das vítimas três milhões de liras e o seu palácio que reservara para sede do governo fascista republicano.

O que vale é que o alto comando alemão tirou a consequente lição: nunca mais a rádio difundi ordens de tal natureza em território italiano...

RUSSIA

**Q**UANTAS vidas generosas: trágicamente perdidas! Quantas inteligências levadas pelo ódio. Mocidades italianas ceifadas pela guerra, ao lado de outras mocidades alemãs que eram ontem irmãs pela ideia e pelo ideal... Os mortos já não podem perguntar-se: «para que tanto sangue e sacrificio?» Mas, sobre a terra russa, onde alemães e italianos ganharam e perderam, lado a lado, dando generosamente o seu sangue moço — ficaram estes tímidos dos soldados de Mussolini que não puderam aproveitar do armistício com Badoglio...



CHINA PORQUE NÃO ADOPTAM OS CHINEZES OS CARACTERES LATINOS NA SUA ESCRITA?

**C**OMO toda a gente sabe, tanto a escrita chinesa como a japonesa são totalmente ilegíveis para um ocidental. E nada pode haver de mais funesto para a expansão económica ou artística de um povo, do que as suas relações, por intermédio da linguagem escrita, estarem vedadas à compreensão dos outros. A não ser a pintura ou a música, e aquela, ainda assim, na sua generalidade, o ocidental dificilmente pode tomar contacto com as manifestações culturais dos povos asiáticos a não ser por difficilímas e custosas traduções, a maior parte das vezes imperfeitas, tão grandes são as difficuldades, mas os próprios nativos, de decifrar todos os complicados caracteres que compõem a sua lingua.

Vários institutos e individualidades têm procurado, a exemplo do que aconteceu na Turquia, modificar a grafia chinesa japonesa, introduzindo-lhe elementos latinos.

A lingua chinesa, que é muito semelhante à japonesa, emprega aproximadamente 40.000 caracteres e tem apenas 400 sons. Esta grafia simbólica assenta nos remotos hieroglíficos e mais se pode chamar aos seus sinais «ideogramas» do que «letras».

A grande dificuldade de latinizar a lingua chinesa ou japonesa consiste na sua exuberante riqueza, no que se refere aos homónimos, isto é, as palavras que se escrevem com a mesma

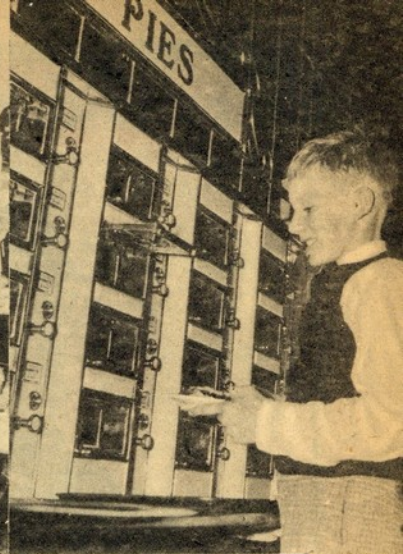
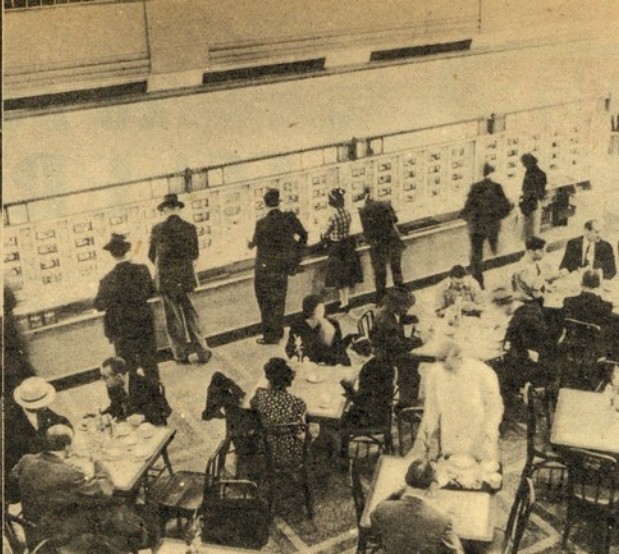
grafia mas de sentido dependente da entonação. Um exemplo: o vocabulo chinês «yi» tem nada mais do que noventa traduções diferentes, desde «epidemia», até «inundação» ou «justiça». Todavia, com mais um minúsculo sinalzinho, podemos ainda arranjar quatro novas entonações, o que, multiplicadas pelas noventa, nos darão o bonito número de trezentas e sessenta expressões diferentes...

Cada simbolo, por si só, traduz um vocabulo: sol, árvore, montanha. E é a combinação dos simbolos que formam as frases.

Assim: «um homem que se encontra debaixo de uma árvore» significa «descanso». Para dizer a palavra «corrente», é necessário recorrer a esta grande imagem: «o sol que se levanta por detrás das árvores». «Duas montanhas sobrepostas» significa apenas: «sobressaír». E por aí fora, sempre dentro deste espirito incrivelmente complicado...

Todavia, os adeptos da latinização das linguas chinesa e japonesa pensam que, num futuro breve, após esta guerra, todas as difficuldades serão vencidas. Hoje, na China, já se empregam alguns caracteres latinos, como «q», «v», «z», para exprimir uma entonação ou um acento. O próprio generalíssimo Chang-Kai-Shek, que fala e escreve correctamente várias linguas europeias, é um partidário entusiasta da latinização.





## Restaurantes automáticos

ESTADOS UNIDOS

# UMA MEDIDA DE PAZ PARA TEMPOS DE GUERRA...

**Q**UEM tiver conhecido os Estados Unidos muito antes da guerra e alguma vez tenha passado pela Broadway, certamente reparou que existe ali uma casa bizarra, enorme e asseada, com as paredes estranhamente formadas por gavetinhas, prateleiras muito bem seccionadas e forradas de vidro — tudo a abrir e a fechar por cordelinhos. Por cordelinhos, não — por moedas e alavancas. Cada uma dessas prateleiras é dividida em pequenos compartimentos, cuja parte fronteira é constituída por um vidro. Dentro de cada uma dessas caixinhas mágicas, está um prato com ervilhas ou macarrão, uma sanduíche de fiambre ou queijo flamengo. Para obter qualquer destes manjares, bastará meter na respectiva ranhura a pequena moeda que constitui o preço de custo. Como numa «nora» — o prato que interessa parará na nossa frente...

Ainda muito antes da guerra actual, já este processo de servir almoços — um processo nitidamente americano — se havia divulgado por forma espantosa em toda a nação norte-americana — e, mais: por muitos países da América do Sul. O Brasil, por exemplo, no Rio de Janeiro e em S. Paulo, havia instalado formidáveis «automáticos», permanentemente frequentados por operários, empregados de escritório, gente do fóro e da finança.

Esses curiosos restaurantes, que na América do Norte tão bons serviços haviam prestado, transformaram-se agora em excelentes cooperadores das forças armadas americanas. Cerca de 350 mil pessoas — qualquer coisa como 23 divisões do exército... — passam em Nova York pelo «automat», para recolher o prato do seu gosto.

Há, naturalmente, automáticos de maiores ou menores dimensões. Mas, porque são todos mais ou menos iguais, bastar-nos-á entrar em um qualquer para fazermos reportagem completa.

Assim, vejamos estas letras vermelhas: de um lado, indicam-nos as bebidas; do outro, o caminho dos «sólidos». Está ali, também, escrito a vermelho, um nome conhecido: Horn & Hardart — que é o nome da companhia que criou e explora os automáticos.

Vejamos, levemos a mão às algi-

beiras: por acaso não temos moedas trocadas — mas está ali uma loirinha que vai trocar o dinheiro. Se ela não está lá para outra coisa!

Com uma moeda de 5 cêntimos, podemos fazer funcionar tôdas as máquinas. E, porque não nos contentamos com uma sanduíche e uma cerveja — os portugueses gostam de pratos substanciais — o melhor é sentarmo-nos numa das mesas. Nós próprios vamos buscar o tableiro, os talheres, a comida e os guardanapos de papel. Comemos rapidamente. Vamos agora meter uma moeda de níquel numa outra ranhura e puxamos uma alavanca: sai uma chávena de café!

Acabou-se. Almoçámos — podemos retirar-nos, sem pagar gorjeta, não obstante as empregadas lá ficarem a

levantar a mesa que ocupámos. No seu eterno vai e vem, os pequenos compartimentos ou caixas, dispostos ao longo das paredes, continuam a ser ocupados por um prato, mal outro é retirado do cacifo. E todo este serviço de abastecimento é feito pela «retaguarda» — como nas frentes da batalha...

Como é, então, possível fornecer refeições de primeira qualidade, por preços tão módicos?

Os americanos explicam que esta possibilidade está no facto de não se empregarem roupas nem criados de mesa — o que constitui um bom aviso para as empresas europeias...

Um tão magnífico e rápido serviço não podia deixar de ser empregado ao serviço de guerra. Se os processos de

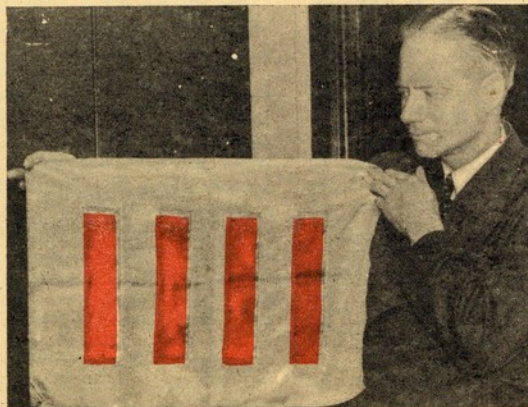
morté são ultra-rápidos, neste conflito — os que têm a missão de empurrar as máquinas de guerra não podem deixar de acompanhar o ritmo nervoso das trincheiras. Os automáticos são principalmente empregados para servir os soldados americanos que, nos seus movimentos de chegada e de partida, mal têm tempo de parar para comer. Junto dos metropolitanos, há quasi sempre automáticos iguais aos que já existiam na Broadway — e, o que é mais curioso, é ver quem os frequênta: gente de trabalho, quasi sempre, irmanada pela pressa de «chegar» mas diferente pela sua profissão. E quando a noite já vai adiantada e Nova York ainda está pontuada de luz, os automáticos voltam a ser invadidos por outra gente com pressa: os que vêm dos teatros, dos casinos e cinemas, às vezes de longos fatos de noite e casacas com peitilho de goma — ao lado dos motoristas de praça, de polícias e operários que trabalham de noite...

A história destes automáticos é curiosa e confirma o espírito inventivo dos «yankees», na pessoa de Mr. Joseph Horn que em 1883 abriu restaurante em Filadélfia. O negócio prosperou, o restaurante transformou-se numa grande companhia de alimentação e, um dia, o sr. Horn fez uma visita à Europa. Impressionou-se extraordinariamente com as maquinazinhas que então eram novidade e que eram nada mais nada menos do que essas «rôletas» de alavanca que todos nós conhecemos e que, mal se lhes mete uma moeda, poem-se a vomitar chocolates e caramélos... Maravilhado com a descoberta, Horn pensou em adaptar a máquina ao fornecimento de alimentos e bebidas. O primeiro «Automat» foi então encomendado na Suécia — mas as máquinas foram ao fundo. Isto era em 1902. De então para cá, quanta perseverança e inteligência ao serviço desta magnífica ideia. Da América, os automáticos passaram para a Europa — mas é em Nova York que mantêm os títulos do mais rápido e mais perfeito. Ainda hoje o sr. Horn com os seus descendentes está à frente da companhia dos automáticos — e todos os dias vai às cozinhas de Nova York, provar os alimentos cozinhados por 6.000 empregados para o público em geral, para os soldados em particular,

## A BANDEIRA DAS NAÇÕES UNIDAS

**S**OBRE um fundo branco, com quatro listas vermelhas dispostas ao alto, Brooks B Harding, antigo aviador, compôs o símbolo das Nações Unidas. Nas quatro listas vivem as quatro liberdades, objecto imediato a alcançar na guerra: liberdade de pensamento, liberdade de acção, liberdade de luta contra o medo, liberdade de luta contra a miséria. Assim ao alto, as tiras representam a rectidão dos princípios comuns comungados pelas Nações Unidas. A cor vermelha recorda o sangue-vertido e a brancura a pureza e a paz que um dia hão-de animar a vida dos povos.

Este projecto — chamemos-lhe assim — não foi ainda oficializado mas dispõe já da aprovação dos representantes de 31 países estabelecidos em Washington e aguarda só um sinal para flutuar junto da bandeira de cada nação combatente ao lado da América.







## O DR. AZEVEDO NEVES

**V**IMOS, um dia, o dr. Azevedo Neves dando o braço a duas senhoras conhecidas. Essas senhoras eram a Ciência e a Literatura. Desde então — é curioso — muitas vezes tenho encontrado este admirável grupo, descendo o Chiado, tomando chá, entrando na Academia, conversando no gabinete do reitor da Universidade Técnica. Um dia, preguntámos ao dr. Azevedo Neves com qual das duas sympathizava mais. Respondeu-nos de forma a não desgostar nenhuma: — Entre les deux mon corps balance...

No fundo, é isso mesmo. Azevedo Neves homem de Ciência não deixa de ser Azevedo Neves homem de letras. O que podia supor-se antagonismo — é harmonia; o que podia imaginar-se contradição — é equilíbrio. Entre a Medicina Legal e a Acropole, entre o Guia de Autopsias e o Discurso sobre a música e alma, o dr. Azevedo Neves encontra tempo para tudo. A sua actividade é surpreendente. Apesar de no seu nome existir a neve — é um orador caloroso; embora seja o director da Morgue — o seu espirito está sempre vivo. Mas, parafraseando Camões, diremos que mais vale conhecê-lo, que retratá-lo.

## À MANEIRA DE ABREU E SOUSA

**L**EVANTEI-ME, barbeei-me, borrirei-me de água de Colónia e, optimamente disposto, sentei-me a mesa para almoçar. Comi uma esplêndida posta de bacalhau com girls que estava uma maravilha. Depois do almoço, saí. Arranjei logo eléctrico e quando paguei o bilhete, o condutor, gentilmente, restituiu-me o tróco. A meu lado, sentou-se uma rapariga interessantíssima que me pediu namôro. Apeei-me, a certa altura, e o eléctrico não andou enquanto em não desci completamente. Depois entrei num «café». Mal entrei, um criado tratando-me por «senhor visconde» serviu-me um cálice de licor e, amavelmente, recusou a gorgeta. Para entreter a tarde fui ao cinema, não havia contratadores, e

uma arrumadora bonita indicou-me o lugar, que era óptimo. As oito horas estava a jantar: sopa, três pratos, fruta, doce, café, uma garrafa de vinho, tudo por oito mil réis, incluindo gorgeta e charutos. Depois de jantar, fui a uma revista. Ao contrário do que eu supunha os faustuils eram pouco mais caros que a geral e a revista tinha graça, espirito, fantasia, e assinavam-na três autores novos, de que eu nunca ouvira falar. Quando o espectáculo acabou, estavam imensos eléctricos à espera das pessoas que saíam do teatro. Ao chegar a casa, meti-me na cama, li um volume engraçadíssimo chamado *Rua da Alegria* e sonhei coisas maravilhosas... Ainda não há nada afinal como ser humorista!

# AO DOMINGO EÇA E RAMALHO

**N**A Casa de Entre-Douro-e-Minho evocou recentemente em duas noites sucessivas, a figura e a obra de Eça de Queiroz e de Ramalho Ortigão. A ligação destes dois nomes não recorda apenas dois dos nossos maiores escritores do século XIX: recorda também dois grandes amigos que nem a morte teve força bastante para separar. Na verdade, Eça e Ramalho foram íntimos companheiros de trabalho e de estudo mais de trinta anos. Nasceram sob a influência astral do mesmo mês, Ramalho um dia antes de Eça, o que fazia dizer ao autor da *Holanda*, que só nisto passara adiante ao romancista dos *Mais*. Vieram ao mundo e foram criados na mesma região de Portugal. Embalaram-nos idênticas orações. Cresceram na mesma paisagem; passaram na sombra das mesmas árvores patriarcaes, entre as amoras e as madresilvas das mesmas azinhagas; ouviram o murmúrio das mesmas águas, o repicar dos mesmos sinos, o cantar das mesmas trovãs; e, quando mais tarde, se encontraram em Lisboa, embora cada um acusasse diversas influências de temperamentos e porventura de educação, qualquer coisa de subtil e de profundo lhes fêz estender os braços um para o outro, numa afectuosa camaradagem de irmãos. Ao terminar o seu discurso no dia da inauguração do monumento a Eça de Queiroz, no Largo Barão de Quintela, Ramalho não conseguiu reprimir uma lágrima de ternura, de saudade. Contava-me o Conde de Sabrosa que encontrara, uma vez, o escritor das *Últimas Farpas*, parado junto do gradeamento que circunda a estátua do romancista.

— Você por aqui?

Logo Ramalho, com a maior naturalidade do mundo:

— Vim visitar o Queiroz. Já há tempos que o não via...



## A IDADE DE AMÉLIA REY COLAÇO



Qual será a idade de Amélia Rey Colaço? Há quem diga que tem 46 anos, há quem diga que tem 24. A verdade não se sabe nem nunca se saberá. O que é certo é que há dias, durante um ensaio no Teatro Nacional, alguém lhe descobriu sobre o ombro, um cabelo branco.

— Alto lá! Um cabelo branco!

Logo Amélia Rey Colaço, olhando para ele, sem perder a serenidade:

— Não é meu, é da minha raposa...  
Donde se prova que as mulheres são ainda mais raposas do que as raposas.

7



Conhecem o amigo Vieira, dono e senhor da Papelaria da Moda? Se não conhecem eu apresento: magro, esguio, nariz principesco, ar de quem se diverte — sofrendo do fado. Pois

o número 7 escolheu este homem para alvo das suas proezas. Tudo na existência lhe tem acontecido em volta do 7. Nasceu a 7, casou a 27, já fêz 47... Ainda no dia 7, quando saía da papelaria que tem o número 167, mal andara 7 passos encontrou um sujeito que lhe pediu 7 contos ao juro de 7 por cento — pagos de 7 em 7 anos... Ao ouvir isto, amigo Vieira pintou o 7. Eram precisamente 7 horas.

## PONTO CERTO

Não é muitas vezes fácil encontrar certas pessoas muito ocupadas. Nas suas repartições ou nos seus escritórios nem sempre é possível falar-lhes; em casa raramente dizem que estão... Pois bem. Sem cairmos em qualquer exâgêro indiscreto, podemos informar os interessados de que o sr. dr. Júlio Dantas, por exemplo, se encontra quasi tôdas as tardes, des cinco para as seis, na Pastelaria Império, escadinhos de Santa Justa, tomando a sua chibara de chá empoada de açúcar — como se diria no século XVIII. Já ficam sabendo...



## ACADEMIA

O sr. dr. Manuel Rodrigues foi, há pouco, eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. A Academia do velho duque de Lafões quis assim significar ao ex-ministro da Justiça, o aprêço em que tem as suas qualidades. Diz-se que o dr. Manuel Rodrigues, ao ter conhecimento da eleição, exclamou, com reflexiva filosofia, olhando um espelho:

— Eu sócio da Academia? Não há dúvida: começo, gloriosamente, a estar calvo...







## SEÃO VERDADE?

...que na China de entre dez habitantes só um saiba ler? E que por esse motivo os escritores públicos fazem grande negócio escrevendo cartas para os vizinhos analfabetos?...

\* \* \*

...que segundo uma revista científica os tremores de terra e os terremotos nos dois últimos séculos, mataram nada menos, nada mais que: 2.750.000 pessoas?...

## VEJA SE SABE HISTÓRIA...

REPARE bem nas perguntas que lhe fazemos. Procure responder com exactidão, mas de memória. Ficará sabendo se tem possibilidade de ser um bom historiador. Mas não faça «batotas»...

- Qual foi o cognome de D. Afonso V, rei de Portugal?
- Em que século nasceu Almeida Garrett?
- Como se chamava a mulher de Gil Vicente?
- Em que ano se tornou o Brasil independente?
- Qual a nacionalidade de Cavour?
- Como se chama o autor do «Positivismo»?
- Quantas cruzadas houve?
- Em que país nasceu Maria Stuart?
- Quem venceu na última guerra russo-japonesa?
- Como se chama a religião de Mahomet?
- Em que países reinou Carlos V?

(Ver as respostas na pág. 20)

## SABE O QUE É A ELECTROCULTURA?

NÃO sabe, naturalmente... Pois é um processo novo da fecundação da terra. Por intermédio de uma aparelhagem como esta que se vê, reproduzida na foto, aplica-se uma descarga eléctrica tal, que é capaz de transformar uma «terra» de calhaus no mais fértil e rendoso campo de cultura. Vamos a experimentar?

## INSTRUMENTOS DE TORTURA?

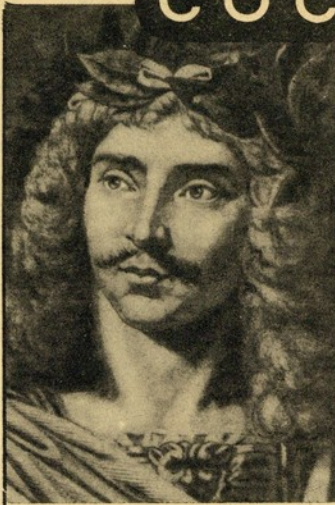
QUE lhes parece, leitores, este instrumento de aspecto infernal?... Talvez o nascimento de «Frankenstein»... talvez um instrumento de tortura terrível dos séculos passados. Mas não é nada disso. Também não é um manequim de cera feito com o intuito de lhes pôr simplesmente os cabelos em pé... Esta foto mostra-lhes, leitores, um invento húngaro, do Dr. Yustus, que como por encanto faz, num abrir e fechar de olhos, desaparecer as sardas!

Que tal? Não esperava por esta, hein?...

Desde que o Dr. Yustus fez a sua primeira operação, provando a eficácia do seu processo, todos os institutos de beleza do mundo querem conhecer o segredo. Quando teremos nós esta simpática... invenção nos nossos estúdios de beleza?...



## COCKTAIL



SABIAM?...

## MOLIERE

Era um epilético!

MOLIERE, esse espírito excepcional e criador de tantas obras belas, um dos maiores espíritos satíricos de todos os tempos, era um epilético!

Todos os íntimos do grande artista conheciam a sua enfermidade e a sua nevralgia constante. Mesmo dentro das suas peças, Mo-

lière, enfermo, sabendo-se atingido por doenças com as quais não podia lutar, vingava-se nos médicos e na medicina, como algumas das suas obras o atestam.

Molière não acreditava nos médicos e, nota curiosa numa inteligência como a d'esse grande homem, acreditava ingénua e num chá de pétalas de rosa para abrandar a tosse. Dizia que os médicos nada percebiam de medicina e procurava os curandeiros mais ignorantes para o tratar. Paradoxos da inteligência humana...

Pela sua enfermidade, o autor do «Medecin malgré lui», via-se tomado, muitas vezes, de exaltações mórbidas, as mais imprevisíveis. Sofria física e moralmente e, ao contrário dos doentes imaginários, reagia contra o mal, bravejando, derivando, transferindo para um objecto qualquer a revolta quando presentia a chegada dos próprios ataques epiléticos.

E os amigos íntimos ouviam-no gritar, berrando para que se fechasse uma janela por causa duma pequenina corrente de ar. Estes acessos de verdadeira fúria manifestavam-se sempre como prelúdio duma convulsão. Estas convulsões tornavam-se às vezes tão frequentes que Molière tinha que suspender todos os seus trabalhos durante mais de 15 dias.

Além dessa enfermidade, Molière sofria ainda de constantes embaraços gastro-intestinais que o punham também numa irritabilidade inaudita. Excitava-se — diz Loiseleur — sob qualquer pretexto, por mais fútil que êle fôsse. Bondoso ou de bom humor, passava de repente para uma exaltação súbita que o levava a actos de que depois se arrependia.

Conta-se que numa dessas crises súbitas, porque o seu criado de quarto lhe deu uma meia do avesso, levou tão grande pontapé que ficou desmaiado algumas horas! Daí a pouco, evidentemente, o patrão arrependido e cheio de remorsos vinha pedir desculpa ao criado. Estas cenas criavam-lhe depressões morais que o abatiam durante muito tempo.

Assim vivia êsse grande homem que era Molière e que as plateias do mundo inteiro admiram ainda hoje.

Triste vida a d'esse grande artista que passou à história como um dos espíritos mais espirituosos de todos os tempos!

## CONCURSO DE IGNORANTES

UMA das maiores revistas pedagógicas americanas espalhou entre os seus leitores — todos êles alunos de liceu — um questionário completo sobre as funções desempenhadas por várias individualidades políticas e intellectuais do nosso tempo.

O questionário foi um êxito. Mas um êxito maior residiu nas respostas enviadas pelos «futuros» doutores, engenheiros e arquitectos.

Na verdade, a iniciativa da revista resultou um verdadeiro concurso de ignorantes. Das 300.000 respostas apresentadas, apenas 516 acertaram totalmente.

Nas outras, houve quem incluisse Goering e Einstein no número dos juizes do Supremo Tribunal Americano; apareceu Eugene O'Neill apontado como autor de «Romeu e Julieta»; escreveram que Ellen Keeler, a famosa surda-muda e cega, era Presidente do Conselho da França; deram a Einstein, também, o cargo de chefe dos G-Men; indicaram Mussolini como o inventor da locomotiva; baptizaram Hitler de «grande poeta e dramaturgo»; collocaram Madame Curie como artista de cinema e, finalmente — para cúmulo — affirmaram que Franklin Roosevelt exercia o lugar de Presidente do Municipio de Nova-York...

Já é preciso ser ignorante!



LEITE A 2\$60 O LITRO!

JUNE Preisser, a simpática artista do cinema americano, está, como vêem, tomando banho. Mas... banho de leite!... Os americanos a tomarem banho de leite e nós sem êle para o juntar ao café!...

Já é ser rico! E, depois, desculpa... se ainda, ditendo que é para a pele...



# O HOMEM QUE DEFENDEU o oiro da França!

## UMA PÁGINA TRÁGICA DESTA GUERRA



Uma «pose» do almirante Robert para a «Vida Mundial Ilustrada».

**M**ARTINICA não é uma ilha vulgar. Tem uma história romanesca e apaixonante, porque as terras, como as pessoas, são fadadas ao nascer, segundo a sua estrela. A da pequena ilha das Antilhas nasceu sob o signo da fama e dos romances galantes de Josefina de Beaumarchais, a mais graciosa filha desse cenário de sonho. É claro que Martinica não nasceu com a primeira esposa de Napoleão: em 1502, Colombo ali aportava maravilhado com a orgia de cores e a beleza das mulheres. E também é claro que nem sempre essa filha das algas verdes teve horas de sonho, embalada pelo mar: a sua história é trágica, porque o indígena, altivo e independente, lutou sempre contra os povos opres-

sos. Os araucas, de facto, foram um povo forte e destemido. O que não quer dizer que não sucumbissem à força dos caraibas — expulsos e dominados, depois, pelo poder espanhol. A lavoura passa, então, a reclamar sempre mais braços — e os índios dão o seu sangue, porque o trabalho os assassina.

O arquipélago passa, de resto, a ser muito frequentado pelos ingleses, franceses e portugueses. A pirataria exerce-se sem força que a domine e a escravatura passa a ser lei da época. Mas a França, sistematicamente, inicia a colonização da Martinica: as raças são caldeadas e, a partir de 1835, pode dizer-se que a «Pátria espiritual do mundo» não dispõe de sangue puro na Martinica. Hoje, 5.000 brancos de sangue puro vivem nessa ilha que 250.000 mestiços e mulatos povoam.

Não se enfeitou Napoleão pela tez levemente bronzeada de Josefina? Quem seria capaz de garantir que no seu corpo coleante e sangue ardente não andavam remotas reminiscências das mulheres auracas?

Martinica, a ilha frágil de belas florestas rumorejantes, ficou como um colosso no património colonial francês. Inglêses, espanhóis e holandeses por lá se digladiaram mas nem mesmo a queda de Napoleão a fez tremer: ficou definitivamente francesa, a partir de 1815. Hoje, a ilha é rica em açúcar, porque a cultura do tabaco, do algodão e do café foi relegada para plano de interesses menores. Infelizmente, porém, os homens não podem só viver da cana do açúcar — e a terra, que é rica e benfeitora, não pode facilmente adaptar-se à policultura. Esta uma das razões do drama actual francês — um drama mais dramático do que esse de 1902, quando o Mont Pelé se pôs a vomitar fogo e matou 26.000 pessoas, destruindo Saint Pierre.

A terra das palmeiras, do «rhum», das banaans, ananases e cacau, que com o açúcar formavam o grande prato de exportação, passaram para o mundo das possibilidades inúteis, numa região em que não havia que comer. E seria esta, de facto, a grande razão que levou a Martinica a render-se às forças americanas?

\* \* \*

Refiramo-nos, ligeiramente, aos acontecimentos, desde a hora dramática em que a voz do marechal Pétain, levemente trémula, anunciou ao mundo a queda sem remédio dos exércitos franceses. Era em 1940 e os acontecimentos tinham-se precipitado com vertigem espantosa. A França, todavia, não fôra o primeiro país a sofrer a imolação. A guerra

estática, ao princípio, na sua própria casa, dera-lhe tempo de tomar certas medidas preventivas. E uma dessas, precisamente, fôra a de pôr a salvo, fora da acção inimiga, o ouro francês, depositado no Banco da França: 300 toneladas de ouro em barra, dentro de cofres fortes, foram metidas, à pressa e em segredo, num navio de guerra e transportadas a Fort de France, o magnífico pôrto atlântico da Martinica. Escoltavam-no 140.000 toneladas de navios mercantes que se foram acolher à paz do mesmo pôrto.

A Martinica, entretanto, tornava-se primeira figura no jôgo de interesses: o seu pôrto fazia falta à marinha norte-americana mas o almirante Robert, que era depositário e responsável pelo destino do ouro e da marinha mercante franceses — estava investido de poderes excepcionais pelo governo legalmente constituído e residente em Vichy. Patriota, reconheceu a inutilidade da luta e aceitara a sorte da França vencida como sentença remível. Mas a remissão não poderia nunca estar nas suas mãos, simples molécula de um todo que era a unidade francesa. A salvação estaria lá — na própria França e ele só teria que obedecer ao chefe que os franceses haviam aceitado, na hora do desfazer de energias.

Que podia, portanto, responder às solicitações francesas da força rebelde degaulista?

O almirante Robert tinha da honra e da forma de a si próprio se honrar um conceito que não admitia dúvidas: o ouro da França e as 140.000 toneladas de marinha mercante não podiam arriscar-se às vicissitudes das guerrilhas. Eles pertenceriam a quem vencesse no fim.

Em 1942 — no mês de Maio — os americanos tinham enviado uma nota a Vichy, pedindo-lhe a entrega dos petroleiros franceses. Pétain, naturalmente preso às condições do armistício, não acedeu e deu ordem para que fossem metidos a pique, pela própria tripulação, em caso de invasão da ilha. O caso de Toulouse não teve, porém, precedentes: a ilha não foi invadida e os barcos não foram afundados nem sequer mesmo ocupados. Continuariam franceses — franceses de Vichy — à espera que as tramadas da diplomacia, da estratégia de guerra e da evolução da luta lhes marcassem o futuro itinerário.

A voz de Vichy ouviu-se, assim, em todo o mundo pela voz do almirante Robert:

— Os navios serão afundados, toda a ilha irá pelos ares, dinamitada — mas o ouro e os barcos serão de quem ganhar a batalha!

Entretanto, por ordem de Pétain, as unidades de guerra e mercantes eram desarmadas, no pôrto de Port France: a pressão aliada não perdera o seu tempo. E um cerco — cerco apertado, por sinal, se estendeu à roda da Martinica, onde as horas eram de ansiedade e dramatismo. As dificuldades de comunicações, o bloqueio apertado, com todo o seu sudário de fome, apertou-se cada vez mais. A diplomacia completava a obra do bloqueio e, um dia, a ilha, enquadrada no triângulo de operações navais que fazem guerra aos submarinos do Eixo — rendeu-se. Os Aliados podiam agora utilizá-la como base de ataque às unidades alemãs que se anunciam para este inverno mais activas. Os Aliados, que tanto haviam reclamado o amplo e abrigado pôrto de Fort de France, para completar a sua cadeia de defesa, no mar das Caraíbas, tinham, agora, a excelente base das Pequenas Antilhas. Dentro dessa cadeia de defesa, a Martinica constitui a ponta oriental de uma diagonal que parte do Canal do Panamá.

O mundo voltou, assim, a pôr os olhos na Martinica — olhos ansiosos e curiosos de quem tudo quer saber. Mas, dos factos, transpirou muito pouco. O almirante Robert, metido na sua mudez a bordo do «Serpa Pinto», chegou um dia a Lisboa e instalou-se no Estoril.

Os telegramas das agências de informação tinham transmitido as possíveis razões que o haviam levado a ceder nas negociações — fome e certeza da inutilidade de sacrifícios — mas o almirante sorri enquanto «posa» para o fotógrafo:

— A última palavra não foi dita...

— Mas não é então verdade que?...

— Dirigir-me-ei, dentro de dias, a Vichy e só ao Marechal Pétain poderei dar conta de tudo o que se passou.

— É então certo que a Martinica constitui excelente ponto de apoio aliado, na batalha do Atlântico?

— Evidentemente, as razões que levaram os americanos a ocupar a ilha não são de ordem política nem económica. As 300 toneladas de ouro que dormem no Forte de Sair continuarão ali enquanto os franceses quiserem...

— A perda da Martinica representa, então, um grave prejuízo para Vichy?

— Só o marechal Pétain poderá avaliá-lo. E só ele poderá julgar-me e decidir do meu destino!

O almirante Robert fala com um sorriso bondoso nos lábios. Mas, nos seus olhos azues de meridional, habituado a perscrutar o mar, há uma névoa de melancolia que nós não exploramos. Ele tem pressa, não quer indiscrições. Faz uma vénia e desaparece pela porta do hotel.

Estava terminada a entrevista!





## FOLHA ARRANCADA ao caderno de um octogenário

**F**IZ ontem oitenta e quatro anos. É uma idade bonita — dizem as pessoas novas. No entanto, eu considero-a simplesmente detestável.

Que interesse pode ter para mim a vida após tão longa caminhada? E para os outros? Ah! sim, os outros acreditam que nós, os velhos, lhes venhamos contar factos que eles supõem ignorar. Rematada tolice.

As pessoas de idade têm apenas um direito — aquêle que, respeitadamente, lhes atribuem; serem pessoas de idade. Usufruem ainda outra vantagem sobre os indivíduos mais novos: estão mais próximas do fim...

Há quem acredite serem os velhos repositórios de episódios vividos através de agitados tempos. Que tudo sabem, viram, sentiram e imaginaram; e, por isso, guardam a profunda sabedoria dos anos que viveram. Esta opinião não é o único disparate de que os homens fazem uso. É tão grande é o absurdo que, só depois de morto o sentimento, obscurecidas as lembranças, extintas as sensações, tornada escura a alegria, desvanecida a inteligência, insensibilizada a própria dor, é que os velhos se lembram de contar as suas memórias.

Mas terão, de facto, as pessoas idosas coisas estranhas para revelar aos que ainda acreditam que a soma dos anos dá o conhecimento da vida?

Eu, confesso, sei hoje tanto dos mistérios do mundo e dos homens como sabia aos vinte anos. Ou melhor: conheço menos actualmente do que no tempo em que pensava, já então encanecidas, me chamavam rapazinho inexperiente. Todavia, hoje, que atingi a suprema sabedoria, porque sou octogenário, ouço, às vezes, aos jovens dizer a meu respeito: «o que éle não saberá com aquela idade! É bem certo que o tempo é a ciência da vida! o grande mestre!» E outros lugares comuns semelhantes.

Pois eu afirmo que a velhice não me trouxe qualquer inédita maneira de julgar os homens e os factos que eles praticam. O tempo não virificou o que senti; nem esclareceu o meu espírito — fez-lo herdeiro de dúvidas e de desenganos. Se aquilo que supõem que eu sei continue virtude dos anos que tenho, posso, sem modestia, considerar-me um dos mais ignorantes vivos.

Que é que os velhos sabem? Isto, apenas: dizer mal da juventude, esquecendo-se, porém, da sua própria mocidade. Aparte esse atributo inerente à velhice, nada mais sabem. O pouco que nos podem contar são ainda reminiscências do tempo em que foram adolescentes.

Contudo, mal me ficaria denegir a incomparável riqueza com que o tempo me presenteou — a velhice. Coisa admirável para os jovens, que se extasiam perante tanto saber acumulado, e muito aborrecida para quem mal se recorda de ter sido moço.

Meditando um momento, considerei, tardiamente embora, que a decrepitude não é o ponto culminante da vida. Quando me julgo sapiente, reconheço que os outros — os mais novos — me chamam desassissado. E devem ter razão. Descrever e explicar factos compete à mocidade. Não aos velhos — como eu.

Desisto, pois, de reviver coisas que já não posso sentir, nem saber, nem julgar, nem compreender — porque sou velho. Aos vinte anos é que há em tudo um sentido vibrante da existência. É nesse período que se ama, desvairava, sofre; se têm aventuras e ilusões, se é sublime ou ridículo no amor; humano nos desejos, alucinado nas paixões, ambicioso, feliz ou desgraçado. Os velhos, não. Vêm tudo ensombrado, amortecido. Para eles a delícia de um sonho é uma coisa azeda.

Como posso eu, portanto, dar vida a ilusões arrefecidas? Vivo entre sombras. Olho tudo esbatido. Alimento-me de cinzas como certos reptis se nutrem de terra.

Desisto, pois, de escrever as minhas memórias — de dar vida a sentimentos mortos. Lembro a tarefa aos jovens. Estes vivem mais numa hora do que nós durante dezenas de anos. Acode-me neste momento à memória esta frase de Garin: «Quando se diz que de ser novo tudo acabou. Será assim? Eu, devo confessar, admito a cruzeta contida na frase. Pois, quando se atinge a minha idade compreende-se, com tristeza, a negrura dessa reflexão. Então porque demónio não se habituam as pessoas plenas de juventude, de sonhos, ilusões, desejos, de verdades estuantes de seiva, de mentiras felizes, a vir lembrar aos velhos coisas que estes há muito perderam?»

É um acto generoso o lembrarem-se dêles — visto que a vida já os esqueceu.

Os novos vivem. Enquanto os velhos como eu têm missão de covetores: estes remexem ossos, tratam dos mortos. Nós temos tarefa semelhante — desenerramos desilusões, que são vidas mortas.

Também é verdade que não obstante haver completado ontem oitenta e quatro anos, não me sinto tentado a desempenhar perante os outros o papel de fúnebre relator. Por isso, aconselho aos jovens, enquanto é tempo, a serem, se lhes for possível, menos desacertados do que eu.

Que a sombra triste que me obscurece os olhos cansados nunca será razão para bem olhar e entender a vida.

Pela cópia  
AUGUSTO RICARDO

## FALA-SE ESTA SEMANA

### Homens de amanhã

**D**EPOIS da outra guerra, o homem teve o bom senso de deitar para o caixote do lixo os sonetos de trazer por casa e os chamados românticos chinelos de ourela. Mas, em contrapartida, deixou-se arrebatado pelos instintos materialistas e brutais, dobrou-se às forças da matéria. No fundo, não foi nem cerebral nem superior a si próprio: continuou apenas a ser sentimental — mas de um sentimento baixo porque, desdenhando as forças espirituais, éle apenas satisfaz instintos que a moral e a razão até aí haviam condenado. Um desses instintos, um desses sentimentos que éle passou a deixar medrar e tomar conta de si, foi precisamente o egoísmo. Pretendendo combater atitudes de cavalheirismo doentio — deixou de ser cortez; desculpando-se com as suas próprias dificuldades — deixou de ser solidário com as dificuldades alheias. E aí temos esses espectáculos de todos os dias, índices que se apanham na rua e que valem mais, por serem anónimos, do que quantos exemplos cada um de nós, individualmente, possa representar. Porque todos nós somos pessoas extremamente amáveis, cortezes e solidárias. É preciso que o homem se perca no meio dos outros homens — para que o possamos avaliar, a coberto do seu anonimato e da sua pessoa irresponsável e impessoal — na evolução das suas amargas deficiências morais.

Os exemplos, às vezes, limitam as verdades. Mas objectivar razões também tem as suas vantagens: ainda há dias um rapazote dos seus vinte, e tantos anos que seguia numa bicicleta, ali para os lados de Algés, deu uma queda. Toda a gente viu que a máquina lhe passou por cima — mas ninguém se incomodou a ir ajudá-lo a erguer-se. É certo que o rapaz nem sequer partiu uma perna... Mas podia ter partido.

Claro que isto aconteceu, que se saiba, só uma vez... Mas milhares de vezes ao dia cada um de nós deixou de ser solidário com os interesses dos anónimos que, esbafordos, perdem o último carro que os levaria à repartição a tempo e horas. E, entretanto, bastaria às vezes que o condutor ou um passageiro que vê

o cidadão a correr — tocasse a campainha e detivesse a marcha do carro que ia começar a andar.

Mas para quê? Não é comosco. O homem ou a mulher que perdeu o carro que se arranje. Nós limitamo-nos, da plataforma de trás, a ver a sua cara de desespero — e acabou-se, nem sequer tivemos o trabalho de puxar o cordão da campainha!

Creemos que o homem de hoje seja muita vez egoísta por inconsciência e comodismo. Mas cremos também, temos disso uma confiança ilimitada, que o homem de amanhã, baseado em sentimentos que 25 anos intermédios de duas guerras não conseguiram neutralizar — saberá sair do caos triunfante de si próprio, com virtudes que o sacrifício humano retempera. Será menos egoísta e poderá regressar à sua função moral, espiritual e humana — sem precisar de calçar chinelos de ourela para dar ao cérebro o lugar que lhe compete.

### Carvalho Henriques



«Vendedores e compradores» é o título de um estudo magnífico de F. de Carvalho Henriques. Trata-se de um trabalho de técnica comercial — diríamos mesmo de filosofia comercial

— cheio de observação psicológica, pois não falta nesta obra o estudo do indivíduo e dos factores ambientais em que éle compra e vende. Carvalho Henriques é um espírito novo, inteligente e estudioso que sabe pôr a sua excelente bagagem intelectual ao serviço de uma experiência honesta. O seu livro vai constituir um êxito porque há-de ser procurado por quantos já estavam e vieram agora para o comércio, dentro do fenómeno psicológico criado pela guerra.

### Gomes Monteiro

A sua vasta e sólida obra literária, Gomes Monteiro acrescentou este outro notável trabalho — «Bocage, esse desconhecido...» que entrou agora em segunda edição. Ao trazermos para aqui a notícia do reaparecimento deste trabalho, não queremos só chamar a atenção do público para a figura do autor — mas, também e principalmente, para a própria figura do biografado que, das mãos de Gomes Monteiro, tão notavelmente conseguiu sair redimida. Bocage, de facto, através deste estudo, regressa à limpidez do seu estro, como o maior poeta português que é, depois de Camões.



**O** primeiro de Dezembro, dia da ressurreição da nacionalidade portuguesa, é agora dia da Mocidade Portuguesa. Foi um decreto de há anos que pôs nova etiqueta ao dia feriado — o que, de algum modo, e já que nos rapazes está a continuidade da pátria, constitui uma mesma expressão de homenagem aos homens que nos deram a possibilidade de continuarmos a ser portugueses. Este ano, as comemorações tiveram um sentido especial — porque a elas se veio aliar a mocidade do Brasil, enviando, pela mão do seu embaixador, uma bandeira que foi entregue aos rapazes portugueses num ambiente de profundo entendimento. É dessa cerimónia, que decorreu no Palácio da Mocidade, a imagem que reproduzimos ao lado.





## A ENTREVISTA DA ACTUALIDADE



### **PILÓ** um artista grande para miúdos

**U**M dia destes, passámos diante de uma mostra da Baixa e detivemo-nos: ora aqui está um motivo de entrevista!

Estávamos diante de um mundo à parte daquele em que habitamos: era o mundo criado por Piló, um artista de processos ingénios de construção mas complexo na própria simplicidade. Um senhor gordo apareceu, então, a falar-nos desse pequeno grande mundo que é o encanto de grádos e miúdos:

— Tudo isto vive pelas mãos de Piló. Eu sei que ele é modesto e nada alvissareiro. Ao contrário de quasi todos os outros que primeiro fazem a publicidade e depois é que pensam na obra, Manuel Piló começou por procurar o interesse do público. Sim, porque ele não andou pelas redacções a entregar notícias elogiosas, como costumam fazer quantos se propõem a pessoas notáveis...

Uma rapariga de grandes argolas que se desengonçava a dançar um vira, ao som do harmónio, parou estonteada:

— Está claro! Piló é um rapaz modesto e aprecia e procura, antes de o ver reclamado. A sua obra gritante — tem sido feita em silêncio.

— E sabe dizer-nos, já agora, quais são os projectos de Piló?

— Ele tem um grande sonho! — disse a rapariga, como todas as raparigas, indiscreta. — Quere sair de Portugal, conhecer novas perspectivas, o que aliás é justo, por muito que ele seja acarinhado entre nós.

O homem do harmónio também veio à fala:

— Ele é pai e é artista. Como tal, tem do mundo infantil opiniões particulares. E pensa que toda a sua obra se deve dirigir para os rapazes e raparigas de Portugal que tão pouco têm sido motivo da atenção da gente criada.

Esta maneira original de entrevistar Piló pela boca dos seus bonecos estava a ter sua graça. Por isso continuámos:

— Ele gostaria, então, de ampliar o mundo dos seus bonecos?

— Ah! sim, criar um mundo para a petizada. Um mundo que agrade as aos seus filhos, porque eles são os seus melhores críticos e colaboradores... Mas...

Uma tricana traçou o chalé e ergueu a chineleira imponderável, traçada pelo artista:

— Então, não vé como nós, mesmo aquí colados à cartolina ou pregados em madeira, temos movimento, alegria e graça? Não vé que nós somos a vida?

— Sim, vemos...

— Pois aí está! Nós somos talvez a primeira forma do mundo cinematográfico que vive na alma de Piló, à espera de possibilidades de realização.

— O pior são as dificuldades — disse outra vez o sujeito gordo que tem ar de pessoa de finanças. — Não há aparelhagem nem dinheiro nem técnicos para fazer filmes de desenhos animados, como o Piló desejava...

— Por isso nos vamos ficando em bonecos litografados, em madeira e em cartolina, para grandes e miúdos. Piló é artista de raça, o público acarinha-o e ele há-de vencer... e vender! Vivê de fazer bonecos e, entre nós, nem todos se podem gabar do mesmo...

A última criação de Piló é o rei Ivor — o sujeito gordo que nos falou ao principio e que é o homem que está agora a dar massas. Perguntámos, a despedir-nos:

- Bom, mas onde está Piló?
- Em nós! — disse a bonecada em côro.
- E onde estão vocês?
- Na alma de Piló!

## A Senhora Milú

**C**ASOU-SE a Mitú! Encerrou-se o primeiro volume da vida romântica de uma das mais engraçadas figurinhas do nosso mundo artístico. Naturalmente, agora que Mitú começa a viver o segundo volume da sua vida — o romance do casamento — e que ela terá mais quem a chame a capitula, a graciosa ex-vedeta vai ter saudades da sua brilhante vida, saudades das compaíneiras e da glória efémera das palmas. Mas, para lá de tudo isso, existe o Amor, o amor que tem ainda os seus abençoadores e que fez Mitú trocar a vida de publicidade por um anonimato burguês e calmo. O público esquece, porque é ingrato e volúvel. Entretanto, se amanhã lhe anunciarem um novo volume do romance da Mitú regressada à rádio ou ao cinema, temos a certeza de que ele a aplaudirá de novo, com o mesmo entusiasmo. A provar o interesse que ele tem por Mitú, lá esteve a sua presença na festa do casamento — um caso sério de gente que se quis despedir da gentil menina Mitú, que é agora a senhora Milú... A gente era tanta que este momento de indiscreção apanhado pelo fotógrafo — quasi não foram indiscretos! Se todos viram, sa todos quiseram ir ver a Mitú que hoje é a senhora Dona Mitú...



## NOTAS RAPIDAS



O sr. Henry Norweb, que chegou há pouco dos Estados Unidos, para representar o seu país em Portugal, entregou as credenciais no Palácio de Belém. O acto revestiu-se de todo o cerimonial de que a foto nos dá uma imagem.



Também o sr. Chang-Chien, novo ministro da China em Lisboa, apresentou as suas credenciais. Ele que é um diplomata de carreira e fez a sua cultura à base do exemplo europeu e americano, tem ao nosso país não só como ministro plenipotenciário, mas também como enviado extraordinário da república chinesa.



A Imprensa vistou, há dias, as novas instalações do Instituto Inglês onde, depois, foi inaugurada pelo sr. ministro da Educação e membros do corpo diplomático acreditado em Lisboa, uma excelente exposição de gravuras britânicas modernas. E da visita da Imprensa ao Palácio do Menino de Ouro o flagrante que damos.



Na Casa de Entre Douro e Minho foi prestada homenagem póstuma ao Dr. Gonçalo Sampato, boémico e folclorista apreciado, exibindo-se o grupo folclórico que tem o nome daquele filho da Póvoa de Lanhoso. A foto dá-nos um aspecto da festa.



## O CINEMA E O ESFORÇO DE GUERRA

**J**AMES Stewart chegou à Inglaterra, como comandante duma esquadilha de bombardeiros. Clark Gable, artilheiro de «Fortalezas Voadoras», encontra-se igualmente numa base americana do Reino Unido. O primeiro foi recrutado, antes dos negros dias de Pearl Harbour. O segundo alistou-se como voluntário, quando viu a Pátria em perigo — e logo após o trágico acidente que vitimou sua mulher, a actriz Carole Lombard, morta ao serviço da Nação. O caso destes dois artistas vale como exemplo e como um símbolo. Como um exemplo de compreensão do dever, de decisão e coragem na hora própria. Como um símbolo da mobilização do Cinema e da sua adaptação integral ao esforço de guerra.

James Stewart e Clark Gable são incontestavelmente os galãs mais prestigiosos da hora que passa. Ambos deixaram em aberto lugares que não foram preenchidos. Ambos podiam, se quisessem, beneficiar da sua situação de vedetas, para não arriscar a vida no campo das batalhas. Tanto mais que o Presidente Roosevelt frizara: «O cinema é uma das nossas frentes de acção — o estúdio um dos pilares da resistência». Quando assim falou, o primeiro magistrado da grande Nação Americana queria dizer, evidentemente, que os artistas da tela tinham uma missão a cumprir e que servir o cinema — era o mesmo que servir os interesses da Pátria.

O cinema está mobilizado, não resta dúvida. E se os Estados Unidos foram dos últimos países a compreender, ou, melhor, a utilizar o filme, como elemento de propaganda — a verdade é que recuperaram o tempo perdido. Sem deixar de lhe imprimir as características do espectáculo internacional — Hollywood transformou a maioria das suas produções em obras ao serviço do interesse nacional.

Mas a própria colónia da Cinelândia não se poupou a esforços. Tem sido incansável. As vedetas fizeram da venda dos «war-bonds» uma causa própria. Todas elas, com sacrifício da comodidade, dos prazeres e do trabalho, empreenderam «tournées» pela América inteira, levaram a todas as cidades e a todos os Estados, o prestígio da sua presença e o calor do seu exemplo.

O cinema sai, desta guerra, prestigiado e engrandecido. E a Sétima Arte transformou-se, finalmente e completamente, na 7.ª Arma — na arma que contribuiu, com eficiência, para a batalha travada, nos espíritos, contra as forças da opinião.

FERNANDO FRAGOSO

Hannelere Sereroth é uma das mais recentes descobertas da Terra Filme. E, como se vê, não é nada de deitar fora...

## O BOMBEIRO, A VEDETA E O MANEQUIM...

**O**S bombeiros de Hollywood ofereceram a Joan Blondell o cargo de Presidente honorário daquela colectividade. E como o interesse não é uma palavra vã, mesmo entre os corajosos apagadores de incêndios da Cinelândia, solicitaram, em troca, um pequeno serviço: que a simpática artista figurasse num simulacro de salvamento e se prestasse a descer uma escada aos ombros de um dos «azes» da corporação.

Joan, comovida com a gentileza, não quis arriscar-se, e alegou, prosaicamente, que sofria de vertigens... Mas encontrou uma solução, ao mesmo tempo original e elegante: ofereceu à corporação um manequim executado por um técnico famoso, e que correspondia inteiramente à sua imagem e semelhança. Numa palavra: uma Joan Blondell de trapo e serradura...

A experiência realizou-se e a actriz foi testemunha dos prodígios dos bombeiros, apostados em salvar a sua estólia sem alma, no decurso dos exercícios anuais.

Ora como se sabe, um incêndio que eclodiu, há dias, na orla da floresta de Beverly Hills, lavrou com tal intensidade que devorou as moradias de algumas das vedetas mais famosas. A brisa corporação dos bombeiros, com a sua Presidente honorária a incitá-los, não se poupou a esforços, para limitar os prejuízos e salvar vidas e haveres.

E foi então que os jornalistas se lembraram da história do manequim. Porque os «astros» e «estrelas» que temos visto, no cinema, arrostar com as chamas, num desafio temerário — não se portaram à altura de tão heróicas atitudes...

O manequim oferecido por Joan Blondell adquiriu, deste modo, um valor simbólico. Uma coisa é o cinema — e outra a vida. Daí, não sabermos quando está presente a estrela — ou quando estamos a ver o manequim.



James Stewart e Clark Gable, os dois galãs mais célebres do cinema, fotografados, algures em Inglaterra, numa base das Forças Aéreas Americanas

## PROCURA-SE UMA VEDETA... QUEM SERÁ «A MENINA DA RÁDIO»?

**O** filme vai iniciar-se dentro de algumas, de breves semanas. No entanto, o mistério persiste: Quem será a «Menina da Rádio»?

Pode afirmar-se, desde já, que a hipótese de Millé foi definitivamente afastada. A simpática vedeta casou-se na quarta-feira passada, e mantém as suas primitivas afirmações: o cinema deixou de lhe interessar. Militta Méireles, a despeito das suas declarações públicas na imprensa, parece ter reconsiderado. Segundo se crê — é uma candidata com possibilidades...

Artur Duarte não se tem poupado a esforços. Procura no Conservatório, na Emissora, nos armazéns de modas, nas ruas, nos teatros e nos cinemas — uma menina da Rádio.

Há dez nomes apontados no seu cunhambo inseparável: uma grande figura da «Hora de Variedades» da Emissora Nacional, quatro vedetas do nosso cinema — e cinco lindas caras de raparigas, que nunca apareceram em filmes. Todos os dias o correio lhe leva cartas, pedidos, retratos e informações. Nestas últimas semanas, Artur Duarte recebeu cerca de cinquenta fotos de possíveis meninas da Rádio de todos os cantos do país.

Mas até agora — ainda não se decidiu.

De todas estas diligências que vem empreendendo, resultaram dois contratos inesperados: um cão, que terá um papel de relêvo na película e um miúdo de cinco anos que toca harmonica de boca como gente grande.

E só a «Menina da Rádio» não aparece...

## PORTUGAL VAI TER CINCO ESTUDIOS?

**J**A temos o estúdio da Tobis, e o da Lisboa-Filme está quasi pronto. A «Cinelândia», por seu turno, prepara-se para erguer um terceiro estúdio, logo que a guerra acabe. Os planos respectivos já foram aprovados. E, agora, Império Argentina anuncia-nos os seus projectos quanto ao estúdio do Estoril. Portugal ficará, assim, com quatro fábricas de filmes — se o Porto não levar por diante o velho sonho de ressuscitar a sua indústria cinematográfica, de tão prestigiosas tradições. Porque, neste caso, serão cinco...

Sabem quantos filmes se produziram, este ano, em Portugal, contando com os que se iniciaram o ano transacto, mas só em 1943 foram estreitados? Quatro...

E se acrescentarmos que durante meses e meses as fábricas do Lumiar estiveram inactivas — facilmente se darão conta de que a indústria de cinema é, na realidade, uma coisa muito complicada...

## UM PLÁGIO, MAS TALVEZ NÃO...

**Q**UANDO o escritor Ives Gandon assistiu, noutro dia, em Paris, à estreia de «O inevitável senhor Dubois», teve que se beliscar a si próprio para adquirir a certeza de que não estava a sonhar... O argumento era, cena por cena, igual ao de «A Bela Inútil», que ele adaptara de colaboração com René Beucler, autor da novela do mesmo nome. Simplesmente, o guião andara, meses e meses, pelas mesas da firma produtora — e não chegara a vias de facto...

Convencido de que não se trata de mera coincidência, o sr. Gandon fez a sua queixa ao Comité Cinematográfico, que vai investigar.

## A CATASTROFE DE SANTANDER

**A** Espanha, há pouco mais de dois anos, foi sacudida por uma tremenda catástrofe. Santander ardeu trágicamente. As vítimas contaram-se por dezenas. E coube, então, ao cinema espanhol, a iniciativa dum admirável movimento para angariar donativos destinados a minorar as trágicas repercussões da ocorrência.

Luis Marquina, realizador do país vizinho, vai reviver na tela o calvário dessa cidade martirizada. E, para esse fim — e aqui reside o interesse da notícia — foram reconstruídos, minuciosamente, em flagrantes «maquettes», os bairros que arderam.

Os resultados, segundo refere a Imprensa, são admiráveis. Dir-se-ia que a câmara cinematográfica recolheu as imagens do trágico, em plena catástrofe.







## O teatro português vai pelo pior dos caminhos!

afirma Assis Pacheco

Abordamos, agora, os problemas do teatro actual. E pedimos as opiniões de Assis Pacheco, professor...

— Acha que o Conservatório atinge a sua missão?

Ele não vacilla, desassombrado:

— O Conservatório podia ser melhor, incontestavelmente!

Eis uma afirmação que dobra de valor por ser dita por um mestre do Conservatório.

Mas falta ainda a pergunta principal desta entrevista rápida. Deixámo-la, para o fim, de propósito:

— Que nos diz do teatro português? Chela de energia, a resposta de Assis Pacheco é uma sentença justa:

— O teatro português vai pelo pior dos caminhos!

E se é — actor e professor, homem culto e artista sincero, o pensa assim, é porque é verdade!

REPORTER DOIS

**F**ALAR com Assis Pacheco — representa sempre um delicioso prazer. «Dobléis de actor distinto e de professor proficiente, éle é, sem dúvida alguma, uma das figuras mais representativas da cena portuguesa contemporânea. Por isso mesmo, o quisemos ouvir sobre as suas aspirações de artista e o «momento» que o teatro português vai atravessando.

O telefone encurta distâncias. Telefonámos para Assis Pacheco.

— Vamos ter uma breve conversa telefónica...

— A sua disposição.

A amabilidade de Assis Pacheco encanta-nos. Ainda que arrancado ao jantar — e o seu tempo é pouco, porque tem de entrar em cena daí a meia hora — não mostra o mínimo enfado.

— Está satisfeito com a sua profissão, Assis Pacheco?

A resposta não demora. Vem, alegre e segura.

— Satisfetíssimo! Desde pequeno a minha vocação foi sempre para o teatro. Garoto ainda, já brincava aos actores. Hoje, sinto-me feliz na carreira que abraçei. Mas...

— Mas...

E ficámos na expectativa. Sem bem sabermos porquê, aquêle «mas» tem para nós a esperança duma grande revelação. E não nos enganámos. Do outro lado do fio, a voz de Assis Pacheco pronuncia claramente:

— Mas... gostaria de ser diplomata!

— Diplomata?

Faz-se um pequeno silêncio. Depois, éle explica:

— Sim, a diplomacia atrai-me, fascina-me...

Mas nós não queremos roubar-lhe muito tempo. Lançamos pelo fio nova pergunta:

— Quais os papéis que prefere interpretar?

— Alta comédia!

E sentimos que, de facto, não podia ser outra coisa. Sinceramente, não haverá uma certa afinidade entre diplomacia e alta comédia?

Mas o interrogatório continua.

— E, no cinema, que gostaria de fazer?

Um risinho breve e simpático.

— Experimental, de novo!

Assim pensamos também. Ele deve experimentar, de novo — mas experimentar com papéis mais adaptados ao seu temperamento artístico.

E inquirimos:

— A qual a sua melhor recordação do teatro?

— «Topaze», de Pagnol!

A sua resposta é tão rápida e tão firme que ficámos um pouco admirados. Raramente um artista escolhe tão à-vontade o seu papel favorito. Contudo, recordamos a interpretação excepcional de Assis Pacheco, em «Topaze» — coroa de glória do grande Louis Jouvet, em Paris — e compreendemos o entusiasmo do artista.

Aproveitamos, porém, a oportunidade, para cometer uma indiscreção:

— E qual o papel que lhe deixou menos saudades?

Com a franqueza habitual que o caracteriza, Assis Pacheco esclarece: — O que fiz no «Colete Encarnado»... porque... porque me senti sempre deslocado...

# TEATRO

## ALGUNS APONTAMENTOS

Em «Toma lá, dá cá» a primeira referência elogiosa que se deve fazer é ao espírito dos autores. De facto, eles «descobriram» graças e trocadilhos que obrigam a rir por largo tempo. E nos dias de hoje, tão carregados de nuvens e tão semeados de velharias, isso não é nada fácil...

\*\*\*

O número de Irene Isidro e Hermínia Silva em que as artistas se criticam graciosas, mas severamente — vale como uma deliciosa «trouvailler», prodígio de graça, de análise e de interpretação. Só por esse dueto extraordinário «Irene Silva e Hermínia Isidro», os autores mereciam um sincero, um enorme aplauso.

\*\*\*

Outro momento grande encontra-se na cena de câlimes desenrolada entre Irene e Barroso Lopes. O movimento de nuvens e tão semeados de velharias — que, durante instantes, o teatro está sob uma atmosfera normal. Que pena este número acabar com uma canção... e se cortassem a canção?

## Todo o mundo foi à Ópera!

Foi uma noite de festa, esta que reuniu meio mundo em S. Carlos, para comemorar o 150.º aniversário do nosso teatro lírico, com a ópera «O amor industrial». Lá estiveram:



O sr. Presidente da República que se vê, à saída da tribuna presidencial.

## Onde estão os autores novos?

**C**ONVERSANDO connosco, um dia, Amélia Rey Colaço queixou-se de que o teatro necessitava de gente nova. E a grande actriz perguntava-nos porque não apareciam autores novos, com talento, com idéias inteligentes e desempoçadas, com temas inéditos e modernos. Eles que aparecessem — e ela os representaria...

Hoje, como então, continuamos a pensar nas palavras de Amélia Rey Colaço. E causa-nos estranheza que, numa época de evolução literária e artística, o nosso teatro conte ainda com os velhos autores, com as velhas idéias, com as velhas peças.

Analisar o panorama de produção teatral dos últimos anos — para que? Encontramos adaptações, traduções, inspirações e... alguns plágios. De quando em vez, um autor nacional dá um ar da sua graça. Mas são ares fugidios...

A nossa literatura sai do torpôr em que viveu durante tanto tempo. Surgem novos nomes, novos valores e até processos novos. A pintura, a escultura, a música — acompanham o progresso literário.

Mas — no teatro — exceptuando os nomes de Vieira Pinto, de Frederico Pressler e não nos lembramos de nenhum outro — quem veio trazer qualquer coisa de novo?

É certo que uma pergunta bôia no nosso espírito: são os autores que não aparecem ou os empresários que não os representam? Queremos fazer fé nas palavras de Amélia Rey Colaço — e queremos acreditar na primeira hipótese.

No fundo, a verdade é esta: não aparecem tentativas de teatro de vanguarda, não se tenta a realização de temas arrojados, não se cria uma mentalidade mais actual, dentro da cena portuguesa. Porquê? Acaso, o nosso teatro, tal qual é dirigido, não atrai os novos intelectuais portugueses?

Sem nos querermos arvorar em profetas, parece-nos que se fossem instituídos uns prémios — independentes dos do S. P. N. — para peças novas, com a representação assegurada no nosso primeiro teatro — talvez pudessemos descobrir onde estão os autores novos. E — quem sabe? — é possível que haja por aí escondido algum Bernard Shaw, um Pirandello ou um Eugêno O'Neill...



Matos Sequeira conversa aqui animadamente...



O sr. ministro da França, como todos os elementos do corpo diplomático, também não faltou.

## DUAS ANEDOTAS

### O apaixonado de Maria Clementina



rapaz acompanhava-as, de perto, parando quando paravam, andando quando andavam.

Um belo dia, éle declarou-se. Simplesmente, aconteceu o seguinte: foi a amiga que recebeu cartas e ofertas endereçadas a... Maria Clementina. Ele trocara os nomes das duas. Porém, o mais curioso da história aconteceu depois. Maria Clementina adorava uma linda caixinha de pó de arroz que estava numa montra perto do teatro. Pois, no dia da sua primeira festa artística, foi à procura da caixa

e não a encontrou. Alguém a comprara já. Esse alguém fôra, precisamente, o rapaz enamorado. E a caixa foi parar às mãos da amiga da Maria Clementina. Já era pouca sorte!

### A desforra do crítico



creveu — sem receber resposta alguma.

Então, o crítico não vacilou. E na primeira ocasião em que teve a oportunidade de julgar o trabalho de Ausenda de Oliveira numa das suas melhores criações, vingou-se com esta nota de crítica:

— Ausenda... muito fria!



E o Dr. Costa Lobo, que veio de Coimbra expressamente para assistir à ópera, acaba de dizer a Frederico de Freitas: muito bem!



## "DÚVIDAS E PROBLEMAS"

por V. Magalhães Godinho

NÃO é a grande nomeada comum nem o grande volume dos livros publicados que constituem a obra de real valor. Em Portugal, agora inundado de traduções e colecções vulgarizadas, não se ultrapassou ainda esse novo rigorismo da cultura que estabelece os seus critérios valorativos sobre o peso dos volumes ou a frequência e amplitude adjectiva das notícias nos jornais. Talvez possa dizer-se tudo em síntese: mediocridade espessa e tenaz do meio, inexistência de verdadeira «élite» com influência social, falta de real apoio à inteligência lúcida e ao talento criador.

Assim passará despercebido ou deliberadamente estrangulado na repercussão pública pela conspiração de todos esses factores, o pequeno caderno de Vitorino Magalhães Godinho intitulado «Dúvidas e problemas acerca de algumas teses da história da expansão» (1).

Não terá o jovem historiador, com certeza, essa desgostante culpabilidade da grande imprensa com que se fabricam entre nós as excelsas reputações.

No entanto, encontram-se nessas breves 32 páginas algumas das reflexões mais sólidas, alguns dos argumentos mais esclarecidos, algumas das observações mais exactas que modernamente têm sido apresentadas sobre questões da história portuguesa. Encontra-se muito maior segurança erudita, muito mais demonstrativa manipulação das fontes históricas no autor ainda moço deste caderno que, ao mesmo tempo, sabe pensar os seus problemas no plano da coerência sistemática, do que nos eruditíssimos senhores de falsa ciência acumulativa e ininteligente que mascaram a sua mediocridade sob a fachada grosseira de uma pretensa fé romântica nas grandezas do passado.

Põe este livrinho em causa, uma vez mais e com forte personalidade, o problema das causas dos descobrimentos portugueses. Foi seu motivo de ocasião o trabalho de Joaquim Bensaúde sobre «A cruzada do Infante D. Henrique». Diga-se desde já que esta longa polémica sobre os motivos essenciais das navegações tem certo bizantinismo de origem: o que importa verdadeiramente no terreno histórico é a forma como se desenvolveu a expansão — com indiscutível carácter comercial e imperia-

lista — e não a questão das causas em que a habilidade, a má-fé ou o patriotismo romântico das «prioridades» podem exortar o que muito bem quiserem. E não há nada mais fácil, bem se vê, do que atribuir gloriosos fins espirituais às maiores vilezas ou enormes misérias que se praticam no mundo. Chama-se agora cruzada, com flamante maíscula, à empresa das descobertas; e é curioso descobrir o que se esconde de romantismo falso por trás desta fórmula de tão elásticas utilizações — porque realmente não exalta e enobrecer a acção portuguesa perante os factos incontestáveis, antes a diminui: se as «causas», se encorporam na ideia cristianíssima de cruzada, o desenvolvimento da obra e as suas mais representativas acções deviam ter sido cristãs (sem escravos, sem pirataria, sem política de sigilo); e tal como a apresentam estes cruzados de hoje, mais pejorativa e lastimável se afigura a diferença entre os factos e os pretensos fins.

Demais, a própria política de sigilo deve constituir a base do mais forte argumento contra a «espiritualidade» das causas e dos objectivos: o sigilo procedia mais contra os europeus também cristãos do que contra os muçulmanos; se o movimento das descobertas tivesse a índole de cruzada, teria ganho desde logo o carácter de empresa colectiva da Europa; e não teria servido, como toda a gente sabe e ninguém pode negar, para cobrir exclusivismos de comércio, cobiças furiosas, espoliações febris e violências de chorudos resultados.

O livrinho de Magalhães Godinho condensa com magistral justeza, claríssima lógica, coerência inflexível e interpretação inteligente, o que se sabe hoje de mais sólido sobre os descobrimentos dos portugueses. Seria impossível nesta breve nota analisar o que ali se encontra de discutível; se a história pode ser alguma vez sistema de conhecimentos universalmente válidos; se é legítima essa espécie de confiança ingénua que o autor põe no valor da história em si mesma; se as crónicas não alegam causas económicas bem definidas para os intentos dos seus contemporâneos; se é admissível que M. Godinho empregue «nós» e «nossos» (por «portugueses») com o especial carácter que dá a tais termos, num trabalho

COMO ELES SÃO  
NA REALIDADE

Margaret  
Mitchell

«E tudo o vento levou...» teve nas últimas semanas, em Lisboa, a sua consagração cinematográfica — mais expressiva e unânime, sem dúvida, do que a da obra publicada. A sua autora, Margaret Mitchell, vive ainda na cidadezinha provinciana de Atlanta, nos Estados Unidos, com o seu obscuro marido e a velha criada negra, Bessie, que lhe amparou os primeiros passos. «A minha existência continua calma e feliz, como outrora», dizia a romancista triunfante pouco tempo depois do seu assombroso êxito literário. Ainda então vivia — e não sabemos se ainda vive — numa pequena parte de casa, sem pensar em comprar o lote e a grande moradia rodeada por imenso parque, sem ter quinze criados e, sobretudo, sem se ditorear, como proclamavam jornalistas indiscretos e infelizes.

de pura e deliberada crítica; se o Infante D. Henrique teria chamado efectivamente os colaboradores científicos dos descobrimentos, etc. Haveria que notar ainda, como tópico desagradável deste belo trabalho, a auto-suficiência, o gosto de conferir aparato concludente a muitas das suas observações pessoais que se nota em alguns passos dele. Mas, acima de tudo isto, como é lúcido e inteligente o pensar deste jovem investigador e como sabe libertar-se quasi sempre bem do cunho universitário, com tudo o que lhe conhecemos de dissolvente entre nós e de que tão raros se salvam!

Com uma dezena de professores e investigadores como Magalhães Godinho, Portugal poderia, talvez, libertar-se ainda do seu longo, sonolento e crasso treino da estupidéz na historiografia moderna.

ALVARO SALEMA

(1) Edições da «Gazeta de Filosofia».

## FAÇA DE PAPEL

— A revista «Ocidente», pelas suas edições culturais, publicou o longo e documentado estudo do engenheiro Ezequiel de Campos sobre «O enquadramento geo-económico da população portuguesa através dos séculos». É este um notável trabalho de história económica que terá largas repercussões na futura investigação sobre as possibilidades portuguesas em função do passado.

— As Edições Gama vão editar muito brevemente três obras de especial significado: «A lareira de Castela», ensaio de António Sardinha, em publicação póstuma; «A posição de António Sardinha», por Luis de Almeida Braga; e «Carvoões, figuras, paisagens», por Pires de Lima da Fonseca.

— A Livraria Portuguesa editou na sua colecção de grandes romancistas estrangeiros, «Amantes e filhos» de D. H. Lawrence — obra a destacar entre as inúmeras traduções que inundam o mercado livreiro.

— «Caminhadas», é o título do novo romance do autor de «Multidões», o nosso camarada de redacção Leão Penado, e que deve aparecer ainda antes do Natal.

— Também ainda esta época deve aparecer a tradução do romance «La femme a ses raisons», original de Charles Quimont, e editado pelo Inquérito, com a título de «Três mulheres... como as outras».

— Gomes Monteiro e Costa Leão vão publicar um livro original: «A história maravilhosa das palavras».

## UM EXPEDIENTE DE André Gide

ASSEDIADO por numerosas críticas e pismetes da literatura feminina que lhes pediam opiniões sobre as suas tentativas de prosa ou verso, André Gide criou um modêlo de resposta para todos os casos em questão. A carta vem transcrita em «Pages de Journals». Como recita curiosa a apresentamos aos nossos leitores:

...Mademoiselle:

Não peço desculpa do tempo que me tomou com a leitura da sua carta encantadora! Mas não creia que possa obtê-lo para ler os seus manuscritos com a atenção que certamente merecem. Gastaria esse tempo, no entanto, e da melhor vontade, se tivesse a certeza de que os meus conselhos lhe serviriam para alguma coisa. Há muito tempo que deixei de acreditar na utilidade de quaisquer conselhos que não sejam os dados por cada um a si mesmo. E lembro-lhe a frase de Madame de Sévigné: «Quando só me escuto a mim própria, consigo coisas maravilhosas...».

Greia-me, etc.

André Gide

## 10 MINUTOS COM JOSÉ RÉGIO



ENTRE os grandes escritores contemporâneos portugueses — os que se consagraram pela genialidade autónoma e orgulhosa das suas obras e não pelos artificios da propaganda mercadejada ou pela satisfação das inferioridades do meio — José Régio é um dos mais completos, perfeitos e de multimodo talento: romancista original, dramaturgo inovador, crítico subtil e, mais do que tudo isso, grandíssimo poeta. Aqui o temos neste inquérito de rápidas impressões, começando por falar-nos dos seus projectos literários:

— Em virtude das dificuldades económicas com que também lutam, hoje, os homens da minha classe ou profissão, vejo-me obrigado a aceitar trabalhos... que não são bem os que sonharia realizar! E, para os que sonho realizar, pouco tempo me fica; e até pouca saúde. Enfim, trabalho

actualmente numa nova peça, e, embora com suspensões de meses, num longo romance que, por enquanto, se chama «A velha casa». Também vou juntando material para um livro de crítica sobre Camilo. O mais provável, porém, é que o meu novo livro a sair primeiro seja um volume de novelas; mas só é o mais provável.

— Continua, pois, a escrever romance?

— Claro que continuo. Ainda queria dizer algumas coisas... que só em romance podem ser ditas. O que eu não queria é que algum leitor me supusesse a escrever romances para aproveitar a actual vaga romanesca. Sempre sonhei escrever romances (era muito novo quando tentei o primeiro), como sempre sonhei escrever teatro. O romance, porém, exige continuidade de trabalho; e as condições em que trabalho — nem aquilo que eu talvez pudesse fazer — me permitem que faça. Bemaventurados os romancistas que nascem na América!

— E vai ser, na verdade, representado o «Jacob e o Anjo»?

— Sim, é verdade; e não ser que surja qualquer contratempo que não espero ver surgir. Embora, como é naturalíssimo, sempre eu sonhase com a representação da peça, nada fiz, pessoalmente, por isso. Tanto maior merecimento, pois, tem a iniciativa da Companhia que manifestou esse arrojado propósito; e, se classifico o propósito de arrojado, é que vejo eu próprio não ser fácil a realização de semelhante peça, nem talvez muito compensatória sob o ponto de vista material. Deus ajude os empreendedores, que ao mesmo tempo me ajuda também a mim! E, já que to-

camos em teatro e estou a falar publicamente, peço-lhe que diga o seguinte: Plenamente me solidarizo com quantos, actualmente, atacam o popular-rancho que perverte o nosso teatro. Como se o nosso povo não merecesse mais do que isso! Como se os que só lhe dão isso — não fossem os maiores responsáveis pela incultura em que certo público se mantém! E como se não pudesse haver peças simples, frescas, alegres, sentimentais, etc. — sem serem reles nem idiotias!

— Que pensa sobre as mais jovens correntes da literatura de ficção?

— Penso que se publica hoje no género literatura de ficção muita mediocridade. O que não impede que tenha nos últimos tempos dado um passo em frente; pelo menos quanto à parte técnica. O facto de irem num sentido realista e factivo, as mais jovens correntes romanescas (e até poéticas) — nem me entusiasma nem me causa tremuras: em literatura, todas as correntes são aceitáveis, todas as doutrinas, todas as personalidades, todos os motivos; e é uma necessidade vital da literatura o continuo vai-vem das correntes e contra-correntes. Entre as várias banalidades romanescas e novelescas hoje publicadas, algumas esplêndidas promessas se afirmam já. E digo promessas por não duvidar que, amanhã (mais livres porque mais amadurecidos), estes jovens autores façam melhor. Farão melhor, sim, estes que já se anunciam como os futuros mestres — quando a vida der à sua voz aquilo que chamamos cheiro que ainda não pode ela ter... O romance não dispensa facilmente a maturidade.





O VIOLIONISTA  
**SILVA PEREIRA**  
FALA-NOS DE PARIS  
E DÁ UMA NOTICIA  
SENSACIONAL!

de pintura são cada vez em maior número e de melhor qualidade; os teatros apresentam espectáculos riquíssimos, de originalidade e valor; os bilhetes de concertos são disputados. Os próprios museus — com excepção do Louvre, agora encerrado — desde manhã à noite que se inundam de gente. Dir-se-ia que só agora Paris sabe ao certo o que é o que deve ser...

— E há artistas para tanto consumo? — perguntámos. — E você? Pode escapar-se às lições para se fazer ouvir em qualquer concerto?

— Fiz concertos na Salle Gaveau e alguns recitais na rádio, um dos quais só de música portuguesa: Lopes Graça, Frederico de Freitas e outros.

— E agora, em Lisboa, que pensa fazer?

— Estou a tratar da primeira audição de uma das obras-primas da literatura moderna violinística: o «Concerto para violino e orquestra», de Lymanowsky, o maior compositor polaco do nosso século.

— Mas essa é uma notícia de sensação! Quando é isso, e onde?

— Ainda nesta temporada, em S. Carlos.

Olhámos Silva Pereira... A metade inferior do seu rosto é enérgica; a superior sonhadora. Pensámos: de S. Carlos, para onde irá este jovem grande português? E inquirimos:

— E depois... Quando volta a Paris? O estrangeiro não o tenta?

O nosso entrevistado não gostou da pergunta. Responde constrangido:

— Há muita névoa no mundo...

Vou a Espanha: tive contrato para a realização de uma série de concertos em Espanha. Iniciarei, assim, o meu próximo ano.

Palavras curtas, quasi evasivas. Silva Pereira corta as voltas à Publicidade. Sem mesmo suspeitar que eu lhe roubava estas declarações para o *trair* na imprensa, não quis ir mais longe e desviou a conversa:

— Ó Pimentel, fuma um cigarro?...

ANTÓNIO PIMENTEL PENA



**LEITORES!**  
PORQUE NÃO OUVEM  
O PÔSTO EMISSOR  
PEDRONUNES?

Quê? Não conhece? Não admira. Poucos o conhecem; nós mesmo até há dias ignorávamos a sua existência. Mas é verdade! Temos um pósto desde 1939 quasi ignorado do grande público. Quasi nenhum amator de rádio se lembra de ligar para o pósto emissor Pedro Nunes e, por isso, a sua existência passa, por assim dizer, despercebida. Mas a estação existe e tem as suas emissões.

Esta estação do Liceu Pedro Nunes tem os seus programas organizados especialmente para os seus alunos, é dirigida pelos professores do nosso grande liceu e os mesmos alunos são os artistas que cantam, falam, recitam e tocam. Além disso, tem os seus programas de música gravada escolhidos com um elevado sentido cultural.

Oçam, pois, o Emissor Pedro Nunes. Experimentem, se ainda o não fizeram, e aí vão as suas características: Estação (CSZWC), potência 200 watts, comprimento de onda 49 metros e 9.

Vá, ligue para o Emissor Pedro Nunes, talvez goste e talvez descubra um Jean Sablou ou um Charles Trevet português. Quem sabe...

**DUKE O GRANDE ORQUESTRADOR!**

TODOS os amadores de rádio conhecem, pelo menos de ouvido, a orquestra «Duke Ellington». Esse filho de um carregador negro dos cais de Nova-York que conseguiu a celebridade, é desde há muito considerado o melhor orquestrador de jazz do mundo.

Pianista exímio, Duke, que dirige a sua orquestra com uma segurança pouco vulgar, é, além de grande executante, autor de várias melodias que deram a volta ao mundo.

Nesta foto que apresentamos hoje aos nossos leitores, Duke está rodeado dos seus negros e, como vêem, apesar de trabalhar, têm todos o bom-humor estampado no rosto. É assim que trabalha Duke, um grande do jazz.

**À ESCUTA**

Ouvimos há dias a orquestra de Fernando de Carvalho executar o célebre disco de jazz «Farwell Blues». Depois de o ouvir, pergunta-se: Fernando de Carvalho alguma vez escutou esse trecho executado por qualquer orquestra americana de primeira classe?...

As nossas «irmãs» da Emissora continuam a imitar os arranjos de lódas as irmãs de Alê-Atlântico. Não seria mais original adaptar com arranjos próprios essas canções como o fazem todos os conjuntos que se prezam?...

Há direito que no «Renascença» se faça a publicidade da Água da Fonte do Cédro no meio da audição da «Rapsódia in Blues»?...

Ouvimos Beatriz de Sousa Santos tocar, na Emissora, vários arranjos seus, de selecções de jazz. Achamos muito bem. Beatriz de Sousa Santos tem bastantes qualidades. Mas talvez não fosse mau que se deixasse de certas particularidades na sua execução que dão um «ars» pretencioso às mesmas selecções.

A orquestra de Variedades da Emissora continua a «abafar» demasiadamente os cantores durante as audições. Não haverá maneira de remediar esse barulho?...

REPORTER TRÊS

**LOUIS ARMSTRONG em decadência?...**

NOTÍCIAS chegadas da América dão-nos esta novidade que vai espantar todos os admiradores do grande trompete negro: Armstrong encontra enormes dificuldades junto das casas editoras de discos, para poder gravar, pois parece que os discos do famoso músico têm menos saída desde que Harry James o destronou.

Já há tempos nos tinham chegado notícias de que Louis Armstrong estaria nesse momento em Nova-York, tocando num «dancing» de 3.ª categoria, com músicos de segunda ordem. Dias depois, essa notícia era desmentida pelos mesmos jornais.

Seja como for: se a verdade está na notícia acima — ela é bem triste. Armstrong foi uma das grandes glórias do jazz, um dos seus melhores executantes, e o primeiro grande trompete do mundo. Os seus discos são hoje reliquias que lembram uma época heróica do jazz.

**MARIA SIDÓNIA ANDA A EMMAGRECER E QUERE IR PARA O CINEMA...**



MARIA Sidónia, vedeta da rádio que o público aplaudia na revista, estere há tempos doente. Com o tratamento, engordou e, agora, anda a fazer ginástica e «footings», para recuperar a linha. Encontrámo-la um dia destes — vinha de um passeio em Queluz, onde foi fotografada, como se vê aqui — e perguntámos-lhe:

— Então, Maria Sidónia, agora fica pela rádio?

A criadora da «mulher do padeiro» entre nós, sorriu e disse:

— Fico — não. Ando... Ando a emmagrecer, e só tenho uma aspiração: entrar num filme!





**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS  
EM LINGUA PORTUGUESA**

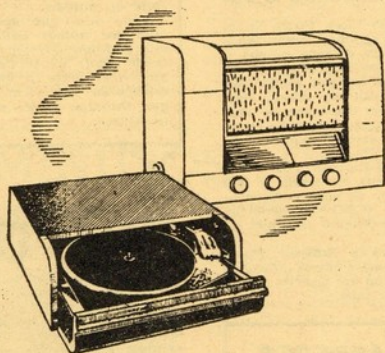
(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
7,45	WKTS	49,0	WRUL	38,4	WKLJ	39,7
8,45	WKTS	49,0			WKLJ	39,7
9,45					WKLJ	30,8
12,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	25,6
13,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	16,9
17,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8		
18,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	25,3
19,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	31,5
20,45 a	WRUA	39,6	WRUS	31,4	(meia hora programa especial)	
21,45	WRUA	39,6	WRUS	31,4	WKLJ	30,8
22,45					WKLJ	30,8
23,45					WKLJ	30,8

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas.

**EMISSÕES DIÁRIAS**

**OIÇA a VOZ da  
AMÉRICA em MARCHA**



**Modernize  
o seu rádio**

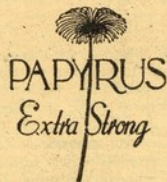
Transforme-o num *rádio-gramofone*  
aplicando um *discofone eléctrico*  
próprio para **REPRODUZIR**  
**DISCOS** através de  
qualquer aparelho  
receptor

Modelos para corrente alterna  
Modelos para tôdas as correntes

Peça uma demonstração nos  
**EST. VALENTIM DE CARVALHO**  
RUA NOVA DO ALMADA, 97

**P A P Y R U S**

**PAPYRUS** — O melhor papel para escrever  
**PAPYRUS** — O melhor papel para imprimir  
**PAPYRUS** — O melhor papel para Títulos de Crédito  
**PAPYRUS** — O melhor papel para Apólices, etc  
**PAPYRUS** — Os melhores livros comerciais  
**PAPYRUS** — Os melhores sobrescritos  
**PAPYRUS** — O melhor papel para cartas



A venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:

**Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)**  
Rua dos Correiros, 70  
LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

**AQUI  
JAZEM**

TODOS OS DENTES

que não têm sido lavados  
com

**PASTA MEDICINAL Couto**

**PASTAS**

Há muitas  
**MEDICINAIS**  
escapanes de  
dentruvem os  
microbios da  
boca, só há uma  
**ESTAS**  
estomatites  
mercuriais  
ou bismuticas  
**TRATA**  
gengivas, des-  
carnadas  
Couto, L.ª - Porto  
L. 5. 900005 - 106



E era novo!

Não se preocupe com ninharias.  
O seu fato não ficará estragado.

Compre em qualquer drogaria  
um pacote de **CASULO LIMPA**  
**FATOS**, cujo custo é apenas de  
2\$00 esc. Esse maravilhoso pro-  
duto, fabricado com seis substân-  
cias químicas que desinfectam os  
fatos, tirando-lhes radicalmente as  
nódoas, o lustro e o mau cheiro.

Ficam como novos e com maior  
duração.

Cada pacote dá para 1 litro de  
soluto.

Em tôdas as boas drogarias do  
País.

REVENDA:  
RUA DA MADA-  
LENA, 128, 2.º  
LISBOA

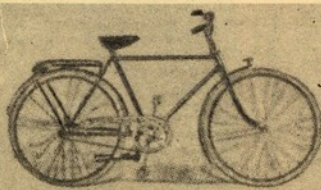


**LUCINDA & INEZ, L.ª**  
ALTA-COSTURA

Visitem os nossos Atelie-  
res onde estão expostas  
as últimas criações de

**VESTIDOS,  
CHAPEUS,  
LINGERIES  
E PELES.**

Rua de D. Estefânia, 117, 1.º



**A BICICLETA  
SEM IGUAL!**

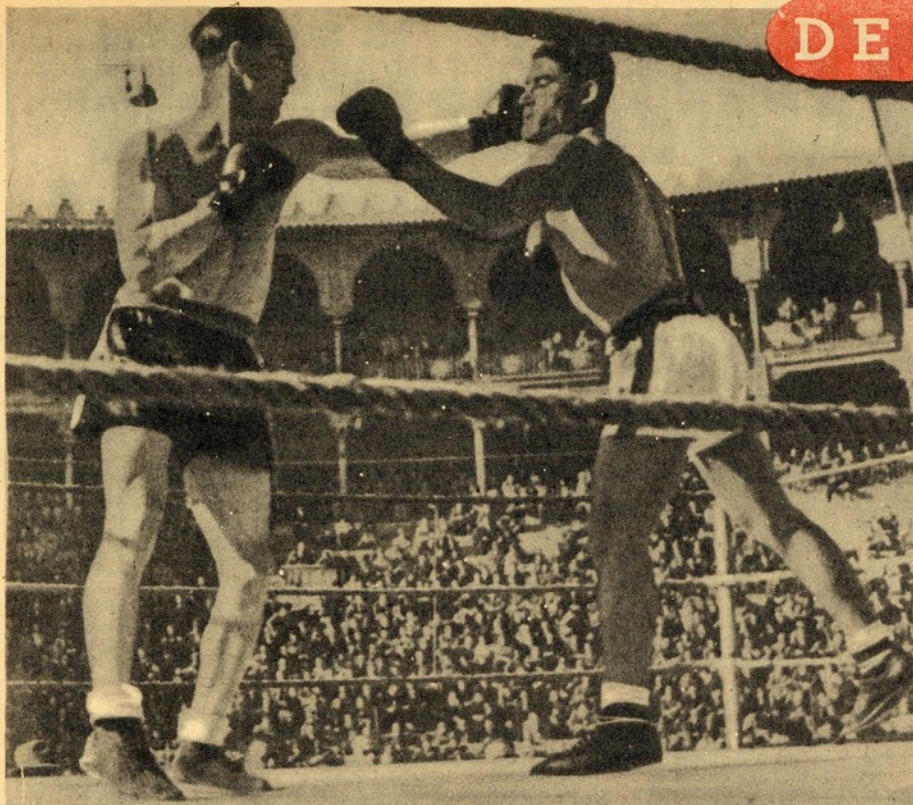
**FABRICAÇÃO SUECA**  
Facilidade de pagamento  
Descontos aos revende-  
dores

EM EXPOSIÇÃO NOS DEPOSITÁRIOS GERAIS:

**“HUSQWARNA”**

**CASA DO RÁDIO**  
RUA DE S. NICOLAU, 113  
LISBOA





## DAQUI E DALI...

**R**EABRIRAM as classes do Ginásio G. P. A distribuição das diversas actividades obedecem a um critério diferente do das últimas épocas. E admitimos francamente, que o G. C. P., só tenha a beneficiar com o facto.

\*\*\*

**Pugilistas ou futebolistas?** A pergunta fica sem resposta... Mas aqueles cinco pontos naturais, com que se liquidou um incidente entre dois conhecidos futebolistas, depõe favoravelmente na tendência de um, para a esgrima dos punhos...

\*\*\*

**Soeiro despediu-se** Foi uma festa simpatíssima. O que seria talvez dispensável era alguns dos senhores que foram ao rectângulo apresentar cumprimentos e distribuir abraços, darem a sensação de uma tristeza pungente, quasi fúnebre.

**O rapaz, afinal, nem parte para longe, nem lhe vai suceder, se Deus quiser, qualquer percalço...** Limitou-se a deixar a bof... Entre o exagero e o ridículo, existe um meio termo ideal...

\*\*\*

**Foram alteradas as datas dos jogos Lisboa-Sevilha, por solicitação dos andaluzes.**

A 27 de Fevereiro, realiza-se em Sevilha o primeiro jogo e a 16 de Abril o segundo, na capital portuguesa.

## GUEDES PERDEU COM ARA...

# UM SOCO NA VISTA FAZ PARTE DO BOXING!...

**M**AIS um pugilista português que foi a Espanha, para perder.

Desta feita, foi Agostinho Guedes, o campeão nacional dos meios-pesados. Deixou, como se sabe, o científico e invicto espanhol Inácio Ara. Apraxada a luta para dez assaltos, não passou do sexto.

Antes, porém, de dedicarmos mais algumas palavras ao combate do penúltimo domingo, importa salientar que o «boxing» nacional está a pisar mau caminho fora de portas. Levy perdeu, Augusto Sousa perdeu, Raúl Oliveira há duas semanas perdeu também, com um Llovera, pugilista duro, combativo, mas cujo nome não é no país vizinho dos mais cotados. E agora, por último, Agostinho Guedes sucumbiu às mãos de Ara, aliás nome dos maiores do pugilismo espanhol e europeu.

Não é a derrota dos nossos compatriotas que mais nos surpreende. É uma consequência da própria luta. O que verificamos, através da leitura dos jornais espanhóis, descontada mesmo a parcela larga do patriotismo, em que são pródigos, é a nitidez dos resultados, sob o ponto de vista técnico. Conclue-se que os nossos pugilistas sabem pouco. Faltam-lhes conhecimentos da complexa arte do sóco. Essas falhas avultam sobremaneira, quando saem para «rings» estrangeiros. Porque, de resto, já sabemos, que quasi todos são valentes, resistentes e sofredores. Mas o valor não reside somente nestas qualidades. A técnica não se pode dissociar delas. São atributos que se têm de conjugar e trabalhar em comum, quando chamados a actividade.

Parece-nos que se lucraria bastante em não incensar exageradamente os praticantes que denotam predisposição para o «box». Não os atordoar com parangonas, que os levam a fazer um perigoso e sempre errado auto-julgo.

Seríam-se melhor os pugilistas e a modalidade. E evitar-se-iam, quando

deslocados do seu meio, desilusões tremendas, que são na maioria das vezes, autênticos princípios do fim de muitas carreiras que poderiam ter luzida continuação.

É preciso acutelar as saídas ao estrangeiro. Não basta despachar para fora um homem que tenha capacidade só para «levar»... É necessário que ele saiba «dar», que exhiba consciência técnica, que o mesmo é dizer, profissional.

Este é, afinal, um elementar raciocínio, que só não se executa—ou que ainda não se executa—porque há muitos e variados interesses disseminados, em prejuizo de um único, geral: o «boxing»!

\*\*\*

**Inácio Ara faz-nos recordar o francês Marcel Phill.**

Os anos vão passando, mas as suas qualidades físicas mantêm-se. Succede, como não pode deixar de ser, surgir um ou outro período de abaixamento. Mas, quando é preciso, Ara recompõe-se e vai para a luta confiante, não só nos seus recursos, como na sua «bagagem» técnica, na realidade enorime.

Ara é um grande pugilista e se o comparámos ao inesquecível Phill, foi por acharmos que, com a idade que tem, manter a elasticidade e um determinado número de facultades indispensáveis à nobre arte, só é possível a quem leve, efectivamente, uma vida regrada. Inácio Ara é um exemplo.

Em Espanha não tem quem o abata, por ora. Na Europa, talvez succeda o mesmo. Claram-se sonhos quanto à hipótese de Guedes poder vencer.

«Bateu-se», um tanto exageradamente, na idade do espanhol, levando muitos espíritos a pressuporem que a juventude e o «punch» de Guedes tudo levariam de vencida. Nos entusiasmos, esqueceram-se que Ara é

«raposa velha». E o resultado viu-se. Houve surpresa profunda, quando se soube que o campeão português, nem tinha durado os apraxados dez assaltos.

A distância, já se invocam argumentos atenuantes—tão característicos, tão entranhadamente lusitanos.

«Guedes levou um sóco que lhe fechou uma vista», — alega-se. Mas perguntemos nós: não será um acidente naturalíssimo do próprio jogo? Em cima do «ring», os pugilistas estão sujeitos às contingências e consequências das trocas de sócos...

Pelo que lemos nos jornais espanhóis, infere-se que a inferioridade de Guedes foi flagrante. Todos os assaltos pertenceram ao espanhol. O quarto foi o mais penoso para o português. A vista direita cerrara-se-lhe totalmente. A seguir, caiu sobre as cordas e o árbitro conta três segundos. No 5.º assalto continua o sacrifício, e no 6.º o árbitro toma medida acertada, suspendendo a peleja.

Guedes ficou, decerto, moralmente abalado. Segundo o costume, também deve ter estranhado o ambiente...

Agora, o que é necessário—porque, dissemo-lo já uma vez e mantemos a opinião: tem valor, e relativos—é ampará-lo tecnicamente. Estamos de acordo quanto aos progressos que evidencia. Mas ainda não é tudo; falta-lhe muito ainda. Contem depois com êle e com as suas qualidades atléticas. Mas só depois...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



Agostinho Guedes e Inácio Ara, acompanhados do árbitro, momentos antes de iniciarem o «match».



# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

### A MENSAGEM DO FUHRER

NA madrugada de 22 de Junho de 1941, o Fuhrer dirigiu-se ao povo alemão dando-lhe conta dos acontecimentos sensacionais que se estavam passando e justificando a necessidade e a fatalidade de iniciar imediatamente uma luta sem tréguas contra a Rússia soviética. Essa luta seria conduzida como uma cruzada de tipo continental contra o comunismo russo e nela não tomariam apenas parte as forças armadas do Reich. Outros países tinham associado o seu esforço ao esforço alemão. Desde logo se declarava oficialmente que as tropas finlandesas e as tropas romenas, em número de algumas dezenas de divisões, atacariam a Rússia de acordo com um plano previamente elaborado pelos dirigentes militares alemães, aos quais ficariam subordinadas as forças dos aliados do Reich na luta contra os soviets. Posteriormente, forças italianas e húngaras, bem como contingentes simbólicos da quasi totalidade dos países ocupados da Europa, associaram-se ao esforço da Wehrmacht contra a máquina militar soviética.

A mensagem do Chanceler do Reich constitui um documento de importância capital na história desta guerra e por isso lhe faremos uma referência bastante extensa. A sua importância deriva, em primeiro lugar, da natureza e das repercussões do acontecimento que a sua publicação iniciou; em segundo lugar deriva da significação dos episódios que revelou e que, embora traduzindo naturalmente o ponto de vista alemão, são dum interesse enorme para todos os povos.

O Fuhrer, no começo dessa mensagem, reeditava os seus conhecidos planos de vista sobre a existência duma conspiração internacional destinada a impedir o renascimento do Reich e a sua consagração como grande potência de significado europeu e mundial. A seguir fazia um resumo das condições em que a luta, nos vários campos de batalha, se desenrolara até àquela data e interpretava o sentido das vitórias pelo exército e pelo povo da Alemanha contra os adversários que sucessivamente tinham defrontado com êxito.

### A JUSTIFICAÇÃO DUM FACTO

O caso da Grã-Bretanha e da sua resistência eram objecto de referências especiais e pormenorizadas. «No interior e no exterior da Alemanha formara-se um complot de judeus e democratas, de bolchevistas e reaccionários com o fim de impedir a formação do novo Estado popular alemão e de relegar de novo o Reich para a fraqueza e para a miséria.» Londres era a sede designada desse complot. O nome do Primeiro Ministro da Grã-Bretanha era apontado como o do seu verdadeiro inspirador.

Em seguida a mensagem do Fuhrer ocupava-se da Rússia para acusar este país de aspirar à dominação mundial e para relatar as condições em que, apesar disso, fôra levado a assinar com os soviets um pacto de amizade algum tempo antes. «Fiz isso, dizia a mensagem, cons-

ciente da minha responsabilidade perante o povo alemão mas também na esperança de, apesar de tudo, chegar a um entendimento que reduzisse os sacrifícios que, de outra forma, teriam que nos ser exigidos.»

As consequências do pacto de 23 de Agosto tinham sido, segundo as expressões da mensagem, particularmente pesadas. Inicialmente ele visava a partilha da Polónia e procurava deter a Grã-Bretanha no caminho da guerra se este país tentasse dar cumprimento às garantias que oferecera para a salvaguarda das fronteiras polacas. O seu âmbito alargou-se, posteriormente, em consequência das exigências soviéticas e fôra a partir desse momento que as relações entre os dois países não tinham deixado de se agravar, embora entre Berlim e Moscovo se mantivessem relações diplomáticas normais e os dirigentes dos dois países afirmassem, inalteravelmente, o propósito de fazerem cumprir, integralmente, o espírito e a letra do pacto assinado em Agosto de 1939.

### O BÁLTICO E OS BALKANS

As condições em que haviam sido delimitadas as novas fronteiras da Polónia pelo tratado de Brest-Litovsk foram um motivo de fricção entre o Reich e a U. R. S. S. A atitude soviética em relação à Finlândia e aos países bálticos, fazendo a guerra à primeira e ocupando os segundos, aumentaram o mal estar que se suscitara durante as negociações de Brest-Litovsk. Mas foi na questão dos Balkans que os pontos de vista dos dois países se revelaram inconciliáveis e a propósito dessa questão que a rotura se produziu.

«O perigoso ataque russo à Roménia, revelava a mensagem (ocupação da Bessarábia em Julho de 1940) teve por fim lançar mão de uma base importante da vida económica do continente. Nós tínhamos o maior interesse na independência dos Estados do sueste europeu. A ocupação da Roménia e a dependência em que a Grécia se encontrava da Inglaterra constituíam, para nós, um perigo e uma ameaça constantes. Apesar disso resignei-me à ocupação da Bessarábia mas não pude deixar de deferir o pedido, que me foi feito pelo governo romeno, para que lhe fosse dada a garantia alemã da sua nova fronteira.»

«Hesitei primeiro em fazê-lo, continuava a mensagem, pela razão simples de que, quando a Alemanha dá uma garantia, é para a cumprir. Nós não somos nem ingleses, nem judeus. Dando a garantia alemã para a nova fronteira da Roménia, julguei ter servido, do último minuto, a causa da paz nesta região, embora reconhecendo a gravidade da obrigação que, em nome do povo alemão, acabava de assumir.»

Assim, o caso da Roménia aparece localizado, na mensagem do Chanceler do Reich, como o verdadeiro ponto de partida para que se reafirmasse, com um carácter actual, a velha rivalidade entre o eslavismo e o germanismo. No norte da Europa e na Europa oriental tinha sido possível concluir arranjos, ou, pelo menos, deixar passar em julgado as iniciativas soviéticas sem que por isso a Alemanha considerasse denunciado o pacto de 23 de Agosto. A Polónia fôra partilhada, a Finlândia fôra invadida, os países bálticos haviam sido ocupados, tendo a minoria alemã que nêles residia há séculos que ser repatriada em massa num prazo de tempo relativamente curto. Quando os dois povos se afrontaram nos Balkans, nenhum arranjo foi possível. Este antecedente não deve ser esquecido no momento em que fôr novamente pôsto o problema das fronteiras dos Estados dessa região, depois desta guerra. É um ensinamento e um exemplo que convém recordar oportunamente.

### A VISITA DE MOLOTOV

O chanceler do Reich entrou então na parte mais sensacional da sua exposição, aquela em que referiu a visita a Berlim do Comissário do Povo para os Negócios Estrangeiros, Molotov, e contou, pormenorizadamente, as diligências a que, no decurso dessa visita, realizada, em Novembro do ano anterior (1940) se procedeu em Berlim entre a diplomacia alemã e a diplomacia soviética as quais, em última análise, se resumiam numa tentativa de partilha do continente entre o Reich e os soviets.

«Para resolver definitivamente os problemas pendentes entre os dois países, dizia a mensagem de Hitler, e para fazer inteira luz sobre as intenções soviéticas, convidiei Molotov a vir a Berlim. Tendo sido aceite o convite, o Comissário do Povo para os Negócios Estrangeiros formulou durante a sua visita, concretamente, quatro reivindicações em nome do seu país, as quais passo a resumir:

1.º — Molotov perguntou-me se a garantia alemã dada à Roménia entraria em acção no caso dum ataque soviético contra este último país. Respondi textualmente: «A garantia alemã à Roménia foi dada em termos gerais e liga-nos com-



Ao microfone, o dr. Goebbels lê a proclamação do Fuhrer, perante a espectralidade mundial.





Hitler refere-se, particularmente, aos assuntos tratados durante a visita de Molotov a Berlim. É dessa visita que esta foto nos fala.

pletamente. A Rússia nunca nos dissera que tinha, em relação à Roménia, quaisquer aspirações territoriais além da Bessarábia. A sua ocupação da Bucovina do Norte foi já um abuso que não teve a nossa aprovação. Não posso, por isso, admitir que a Rússia apresente quaisquer novas reclamações em relação ao Estado romeno que nós nos comprometemos a defender.»

2.ª — Molotov declarou em seguida que a Rússia se sentia, de novo, ameaçada pela Finlândia e que não podia tolerar a continuação desta ameaça. Nestas condições, desejava saber se, em caso dum ataque soviético contra aquele país, o Reich permaneceria passivo, pedindo, ao mesmo tempo, que fossem retiradas do território finlandês as divisões alemãs que para ali haviam sido enviadas a fim de seguirem para a Noruega. A isto respondeu: «A Alemanha nunca teve nenhuma pretensão política em relação à Finlândia. Não acredito que a Finlândia constitua uma ameaça para a Rússia. Não desejamos que a zona do Báltico volte a ser de novo teatro de operações militares. Não permaneceremos inactivos perante uma nova invasão ou uma nova tentativa de invasão do território finlandês pelas tropas soviéticas.»

## A INVOCAÇÃO DOS ESTREITOS

3.ª — Em terceiro lugar, Molotov perguntou-me se a Alemanha estava pronta a consentir que a Rússia desse uma garantia à Bulgária se fossem enviadas para este país tropas soviéticas, acrescentando que não era intenção da Rússia tirar o trono ao rei Boris. A isto respondi: «A Bulgária é um estado soberano. Não me consta que tenha pedido nenhuma garantia à Rússia. O caso da Bulgária é completamente diferente do caso da Roménia que pediu concretamente a garantia alemã para a defesa do seu território. Antes de tomar qualquer resolução não posso deixar de estabelecer, a esse respeito, um entendimento prévio com o meu aliado búlgaro.»

4.ª — Por último Molotov disse que a Rússia tinha uma necessidade absoluta de modificar o actual regime dos Estreitos por onde deveria ser concedida aos seus navios liberdade de passagem. Não se limitavam porém a isso as reivindicações russas. Molotov acrescentou que a Rússia desejava que lhe fossem concedidas bases no Bósforo ou nos Dardanelos a fim de instalar nelas as suas forças militares. Respondi a esta reclamação: «A Alemanha está pronta a dar, em qualquer ocasião, o seu assentimento para que seja modificado o regime dos Estreitos estabelecido na conferência de Montreux. Recusa-se, porém, a consentir que seja criada qualquer situação de privilégio para a Rússia ou que esta ocupe quaisquer bases nos Dardanelos ou no Bósforo.»

Até que ponto se ajustavam estas informações à realidade? Em Moscovo negaram, naturalmente, a sua verosimilhança. Mas a verdade é que elas estavam na linha geral da política de colaboração germano-soviética definida pela realização do pacto de 23 de Agosto a qual começara a ter um começo de execução prática com a partilha da Polónia e da região do Báltico. O governo soviético, segundo a versão alemã, reivindicara posteriormente, por intermédio de Molotov, a posse de territórios que considerava incluídos na sua fronteira estratégica e liberdade de movimentos em outros que a Rússia, tradicionalmente, considerara como esfera de influência do eslavismo. Do lado russo tratava-se, em resumo, de realizar uma nova partilha das regiões da Europa Oriental e balcânica sobre a base dum entendimento com o Reich. O acordo não se estabeleceu e os dois países ligados pelo pacto de 23 de Agosto passaram a considerar-se irredutíveis nas suas posições.

## O EPISÓDIO JUGOESLAVO

«Logo que se frustraram as suas intenções, continuou o Fuhrer na mensagem, voltaram a registar-se novas concentrações de tropas soviéticas nas fronteiras orientais da Alemanha. Formações blindadas e unidades de paraquedistas rus-

sas foram transferidas, em quantidades cada vez maiores, para junto dessas fronteiras.» Segundo essa versão o episódio jugoslavo, ocorrido quatro meses depois da visita de Molotov a Berlim demonstrava de maneira irrefutável, a incompatibilidade dos pontos de vista dos dois países em relação ao domínio de cada um deles na península balcânica.

«Enquanto eu me esforçava por fazer uma última tentativa de pacificação nos Balcans, dizia a mensagem do Fuhrer, convidando a Jugoslávia a aderir ao pacto tripartido, a Inglaterra e a Rússia soviética organizavam, em comum, o golpe de Estado (referência ao golpe de Estado do general Simovich, dado em Belgrado no dia 27 de Março de 1941) que derrubou o governo jugoslavo disposto a praticar a colaboração conosco. Pode dizer-se hoje ao povo alemão que esse golpe, dirigido contra a sua segurança, foi organizado contra a Alemanha pela Inglaterra e pela Rússia soviética.»

Segundo a mensagem do chanceler do Reich «aqueles dois países não só organizaram o «putch» de Belgrado, mas excitaram os novos dirigentes jugoslavos a fazerem a guerra ao Reich para o que a Rússia celebrou com o governo do general Simovich um tratado de amizade, a fim de reforçar a sua vontade de resistir ao desejo de colaboração com a Alemanha anteriormente afirmado pela nação jugoslava.»

«Como nem assim julguei chegada a hora de quebrar o meu silêncio, continuava a mensagem, os dirigentes do Kremlin foram mais longe ainda. O governo do Reich possui em seu poder documentos que provam que a Rússia, para arrastar definitivamente a Jugoslávia para a guerra contra nós, prometeu enviar a Salónica, armas, aviões, munições e outro material de guerra que devia ser empregado contra os alemães. Foi o avanço fulminante das nossas tropas nos Balcans que impediu que esse intento fosse levado por diante.»

## OS BALCANS, PÔMO DE DISCÓRDIA

Os Balcans eram, de facto, o motivo que determinava imediatamente a eclosão do conflito germano-soviético. Aquilo que fôra possível conseguir, pela via das negociações diplomáticas em relação à Polónia, aos Estados Bálticos e à Finlândia (no caso dos Estados bálticos com evidente prejuízo do prestígio alemão pela necessidade de aceitar o princípio das transferências de populações im-

(Continua na pág. 20)

Mannerheim é um dos primeiros elementos da aproximação fno-alemã-Hitler, com a sua presença na Finlândia, por ocasião do 75.º aniversário do marechal dá ao mundo o testemunho do entendimento das duas nações, expresso na sua proclamação.





posto pelos soviéticos) revelava-se impossível quando se tratou de delimitar as esferas de influência (pois de outra coisa se não tratava com a missão Molotov) dos dois países na zona balcânica e danubiana.

«Só a vitória fulminante das potências do Eixo nos Balcanos, acentuava a mensagem do Fuhrer, impediu a execução do plano que consistia em arrastar a Alemanha durante este verão (o verão de 1941) para combates que deviam prolongar-se no sueste europeu ao longo de meses. Entretanto a concentração dos exércitos soviéticos, na nossa fronteira, aumentava para que a Rússia, em seguida, auxiliada pela Inglaterra e beneficiada pelos fornecimentos de origem americana pudesse esmagar a Alemanha e a Itália».

Que conclusões tirava o Fuhrer das premissas que assim estabelecia, sobre a base dos acontecimentos que relatava e das deduções a que o seu espírito fora levado? A U. R. S. S. falseara o espírito e a letra do pacto de 23 de Agosto ao mesmo tempo que procurara adormecer a vigilância alemã. «Enquanto faziam tudo isto,



os governantes do Kremlin, concluiu a mensagem do chanceler, simularam até ao último momento uma atitude de paz e de amizade, como já anteriormente haviam feito nos casos da Finlândia e da Roménia antes de se lançarem sobre estes dois países, redigindo desmentidos oficiais com todas as aparências duma perfeita inocência.

Já referimos os actos praticados pela diplomacia soviética nas vésperas da eclosão do conflito entre o seu país e o Reich que foram interpretados em Londres, não apenas como um recuo russo, mas como uma afirmação clara de que a U. R. S. S. estava disposta a consentir uma quebra do seu prestígio internacional (o mais ostensivo desses actos fora a denúncia do pacto de amizade assinado com a Jugoslávia e a expulsão do embaixador jugoslavo em Moscovo) para evitar um conflito armado em que as suas forças teriam de deffrontar o poder praticamente intacto da Wehrmacht. Este aspecto da última fase das relações germano-soviéticas de acordo com os princípios da amizade e da não agressão inscritos

no pacto de 23 de Agosto e que cada um dos signatários diz terem sido violados pelo outro, será ainda certamente objecto de largas discussões quando forem revelados os necessários elementos de prova que permitam formular sobre ele um juízo fundamentado.

## A COLABORAÇÃO DA FINLÂNDIA E DA ROMÉNIA

Depois de anunciar que a Finlândia e a Roménia tomariam o seu lugar na luta contra os soviéticos, a mensagem do Fuhrer revelava as condições militares em que a batalha ia iniciar-se: «Ao longo da nossa fronteira encontram-se concentradas aproximadamente cento e sessenta divisões russas. Há semanas que se registam violações constantes do nosso território. A fronteira da Roménia tem sido também frequentemente violada. Avia-dores russos sobrevoam o nosso território e o dos nossos aliados, certamente por considerarem que se trata já de território russo. Chegou a hora em que é necessário opormo-nos, por todos os processos a este «complot» dos fomentadores da guerra».



Para isso quais eram as medidas tomadas, não apenas pelos dirigentes políticos do Reich mas, sobretudo, pelo Estado-Maior das suas forças armadas? A mensagem respondia, de maneira tranquilizadora, a esta pergunta. «Neste momento opera-se na frente leste, uma concentração das nossas forças que, pela sua extensão e pelas suas proporções, é a maior que o mundo alguma vez viu. A missão desta frente não é a protecção dos países isolados, mas a garantia da segurança da Europa e a salvaguarda de todos os países que a compõem. A partir de hoje, a sorte do Reich e do seu povo estão colocadas nas mãos dos soldados alemães. Possa Deus ajudar-nos nesta luta particularmente importante».

A luta, que assim aparecia anunciada aos olhos do mundo, era, de facto, particularmente importante. A sua influência no curso geral da guerra e no seu resultado havia, com o decurso do tempo, de revelar-se decisiva. Por isso o dia 22 de Junho de 1941 marca uma data capital na história do nosso tempo.

(Continua)



Digam o que disserem  
ainda é a

PELARIA MODELO

||| a que apresenta sempre  
as últimas novidades

A  
PELARIA MODELO

marca a sua posição pela sua  
competência e seriedade

A  
PELARIA MODELO

||| vende a prestações sem  
aumento de preço

PELARIA MODELO

RUA DA PRATA, 279

TELEFONE 2 8305

## PELES!!!

SEMPRE AS ÚLTIMAS  
NOVIDADES E CRIAÇÕES  
EM MODÉLOS, CAPAS,  
CASACOS, GUARNIÇÕES  
E MALINHAS  
COMPRAR NA **Casa  
Paiva**, É TER A  
CERTESA DE NÃO SER  
ENGANADO E A  
AFIRMAÇÃO DE BOM  
GOSTO

## CASA PAIVA

RUA DO OURO, 203

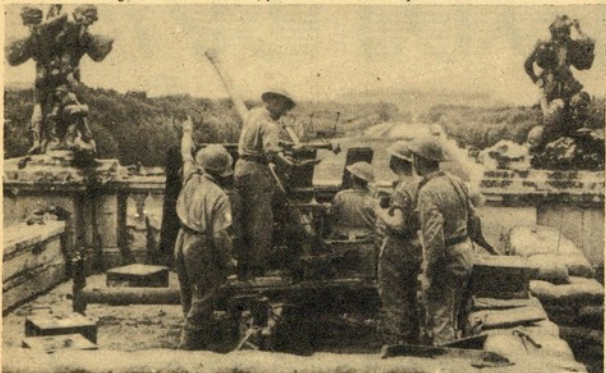
Telef. 2 5538



# NOTAS DE GUERRA



Recentemente, o barão Silvercruyts, ministro da Bélgica no Canadá, onde numerosos pilotos estão a treinar-se, visitou diversos centros de aviação, sendo alvo de sinceras manifestações de simpatia. Acompanhavam-no adidos do exército e da aviação e os representantes da R. A. F. O ministro belga condecorou, em nome do seu Governo, o capitão Ellis, comandante da R. A. F., com a Cruz Militar Belga de 1.ª classe. A foto dá-nos um aspecto dessa cerimónia.



Os maravilhosos jardins italianos que um clima excepcional favoreciam, estão transformados em campo de manobras de guerra. E as obras de pedra, com que o génio do homem fez povoar as florestas floridas — caem por terra e encobrem o ataque como aqui, nesta foto, em que se vê um canhão «Bofors» do 5.º exército nos jardins do palácio real de Caserta.

## VEJA SE SABE HISTORIA..

Respostas da página 7:

- a) O Africano; b) Século XVIII; c) Branca Bezerra; d) Em 1822; e) Italiana; f) Augusto Comte; g) Oito; h) Na Escócia; i) O Japão; j) O islamismo; l) Espanha, suas colónias, Alemanha, Itália, Flandres e Austria.

Então que tal? Tem jeito para historiador?

### UM LIVRO DE IMPRESSIONANTE ACTUALIDADE "HISTÓRIA DA RUSSIA"

Por BRIAN-CHANINOV traduzido por ANTONIO BROCHADO

1 volume de formato grande, com 352 páginas, da colecção  
«HISTÓRIA DO MUNDO», br..... 30 Esc.  
Encadernado ..... 50 Esc.

A VENDA NAS LIVRARIAS — ENVIA-SE A COBRANÇA  
Edição da LIVRARIA TAVARES MARTINS  
Rua dos Clérigos, 12 — PORTO

# FIGURAS DA VIDA NACIONAL



## ORTINS DE BETTENCOURT

Açoreano de nascimento, a distância da terra deu-lhe o amor pelo convívio do mar E, um belo dia, fez-se marinheiro — talvez para estar mais perto do continente, sem deixar de estar perto da sua ilha. Em 1912, era aspirante de marinha. Mas o mar ainda não era tudo — subiu no espaço, como piloto-aviador, e atingiu a pasta da Marinha. Tinha tomado parte no «raid» à Madeira, em 1921, desempenhara importantes comissões de serviço nos Ministérios da Marinha, das Colónias e no Conselho Nacional do Ar. Em 1936, foi chamado para ministro da Marinha. E, de então para cá, os negócios do Estado dependentes da sua pasta, têm recebido o impulso que a sua inteligência, dotes de trabalho e boa vontade de acertar, o país lhe poderia exigir.

(Caricatura de SANTANA)





Por mais cuidadosos que sejam os estudos de prospecção mineira do petróleo e por melhor que seja a aparelhagem e mão-de-obra empregada, há sempre que contar com o factor sorte, pois acontece muitas vezes enterrarem-se centenas e centenas de contos numa exploração sem que dela se tire uma gota do precioso líquido.

Nos últimos três anos antes da Guerra, a Socony-Vacuum abriu em média 870 poços por ano, quasi todos produtivos.

E, de facto, só desta forma é possível manter em laboração as numerosas refinarias da Socony-Vacuum, onde se fabricam os seus apreciados produtos, que escasseiam agora em virtude da Guerra; mas que V. Ex.<sup>a</sup> obterá logo que as circunstâncias o permitam.

**SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.**



# PASSATEMPO

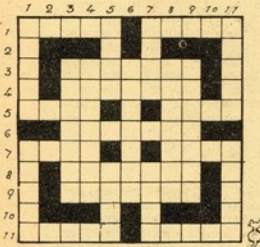
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á R. MARQUES SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º - LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 5



Enunciado.

HORIZONTAIS

1—Osso que forma a proeminência mais saliente da face; homem ilustre pelos seus feitos. 3—Glande do carvalho e da azinheira. 4—Dá a forma de cabana. 5—Peleja; duração. 6—Equipador ou proprietário de navios mercantes. 7—Pássaro conirostro; espécie de avental, com mangas, para as crianças. 8—Nome de homem. 9—Aparecerias. 11—Descarga de artilharia ou fuzilaria em honra de alguém ou por motivo de regosijo; oráculo.

VERTICAIS

1—Extinguir; falhas. 3—Planta solânea, que cria tubérculos subterráneos e comestíveis (pl.). 4—Instrumento músico, feito de barro e que dá sons como os da flauta. 5—Armadilha para apanhar pássaros; filete. 6—Obreiro. 7—Espécie de roupão abotoado na frente desde o pescoço aos pés; rio da África que tem carataras e presta grandes serviços aos transportes fluviais com destino ao Sudão Anglo-Egípcio, sendo as carataras vencidas por meio de linhas férreas. 8—Pedra sobre a qual gira a mó, em certos engenhos. 9—Ordem de répteis, que tem por tipo o lagarto. 11—Suplicara; embriagado.

PROBLEMA N.º 4

Solução  
HORIZONTAIS

1—China; Japão. 2—Horar; aramã. 3—Iras; após. 4—Lar; ali. 5—Ês; amo; as. 6—Acuta. 7—Gê; ora; só. 8—Uro; sal. 9—Ira; valê. 10—Natos; ceiva. 11—Èvora; assar.

VERTICAIS

1—Chile; Guiné. 2—Horas; errav. 3—Irar; orto. 4—Nas, aor. 5—Ar; aço; Sa. 6—Amura. 7—Já; Ota; cá. 8—Ara; vês. 9—Papa; sais. 10—Anula; salva. 11—Oásis; olear.

25-14    14-25    25-21  
26-22    22-19    P.

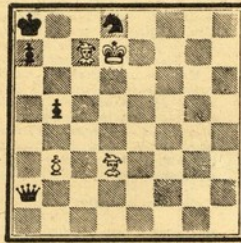
(\*) Se em vez de 4-25, as brancas jogassem 15-19, as pretas empatavam com 12-8.  
Nota—É curioso notar que o primeiro lance das brancas (18-11) é forçado, pois em qualquer outra hipótese as pretas empatam. Nisto reside o interesse da técnica, relativamente fácil, deste «final».

## XADREZ

FINAL N.º 4

Por H. Rinck

Pretas



Branças

Jogam as brancas e empatam.

Final n.º 3 (M. Soukup)

Solução

1. C7A1, TXC; 2. P6C, R3A; 3. P7C1, TXPC; 4. PTT1, TXPT. Empata.

## CHARADAS

CHARADAS

Solução do n.º 133

1) Dobreza. 2) Aplicado. 3) Arcanos. 4) Bravata. 5) Abençoados. 6) Machuchos. 7) Devido. 8) General. 9) Faminto.

\*\*\*

(Coninuação da página vinte e quatro)

## O BEIJO

primeiro pensamento de Toy não foi para si, foi para ela: «Como linda!» E respondeu:

—Eu... eu não tenho nada. Estou fixe!

Ela teve um sorriso triste. Afastou-se. Então Toy viu uma coisa estranha: a sua perna direita estava envolta em ligaduras brancas e suspensa de uma roldana que pendia do teto. Quis movê-la e empalideceu. Uma dor aguda atravessara-lhe o corpo. Compreendeu que partira a perna.

Começou para Toy uma nova existência nesse Hospital de Crianças, criado por um milionário sonhador. Ali, onde os outros travavam conhecimento com a dor, ele conheceu, por um estranho paradoxo, as primeiras horas alegres e despreocupadas. Era o despertar, o desabrochar de uma flor. A vida começa hoje, recomeça em cada dia que o sol nasce. A linda enfermeira loira, atraída pela tristeza que velava os seus olhos castanhos, sentava-se ao fundo da cama, lendo-lhe histórias incompreensíveis, mas encantadoras, passadas num lugar de sonho onde havia fadas, gnomos, gênios, e onde o bem tinha sempre um prêmio. Ela chamava-se Ester e, para ele, era também uma daquelas fadas das histórias que ouvira. Trouxera-lhe uma pequena espingarda de ar comprimido que atirava flexas coloridas, porque adorava aquele garoto irrequieto, triste e curioso. Ia-lhe modelando o pensar, malévolo como barro úmido; alisava-lhe as arestas da linguagem áspera, salpicada de calão; mostrava-lhe um mundo que era uma revelação. E, quando lhe trouxe a novidade de que alguém o tinha adoptado, Toy quis saber o que isso queria dizer e se o separariam da sua querida Ester. Duas lágrimas correram então, lentamente, num sulco úmido, sobre as faces pálidas do garoto, na mágoa de a deixar. Mas ela nunca soube que essas lágrimas eram as primeiras derramadas por uma pessoa amada e só pôde compreender como a sua pequenita alma tinha sido tendida pela dor, quando, uma tarde, surgiu no salão

essa mulher de cabelos brancos, cuja vida se resumia ao interesse de coleccionar beijos... Outras pessoas colecionam selos ou porcelanas. Ela retinha marcas de beijos num pequeno bloco de folhas brancas, mais tarde adaptadas a um álbum. Um condenado à morte deixara, numa das folhas, a marca da sua boca e um pensamento amargo sobre os homens; uma mãe que perdera o único filho colara lá os seus lábios; algumas lágrimas, numa muda prova de desespero, enrugavam ainda ligeiramente, apesar do tempo, o papel. Vitor Hugo escrevera numa das folhas: «Un baiser c'est un point rouge sur l'âme du verbe aimer». Jules Viard anotara: «A mulher que nos entrega a boca, já nos deu tudo». E um outro escritor, não menos conhecido, observava: «O beijo é uma troca de háculos».

Tu, que vais seguindo esta pequena história, conheves talvez estas variações sobre um mesmo tema. Sabes o que é um beijo. Alguém dia beijaste as costas de uma mãe, a face de tua mãe, ou a boca duma outra mulher. Podias, também, escrever nesse «carpete» um pensamento sobre o beijo e deixar, numa das folhas, a marca da tua boca colada a um beijo. A senhora idosa desejava agora a marca dos lábios de uma criança que tivesse sofrido. Ester guiou-a até junto da cama de Toy. Explicou-lhe o que a senhora desejava. E esse homem precoce que conhecia tudo o que a vida tinha de mau e começava a compreender tudo o que ela tinha de bom, olhou-as como se não tivesse compreendido. Puxou para si a cabeça loira da enfermeira, murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Ester não entendeu:  
—Então, Toy, porque não dás aqui um beijo?  
Os olhos castanhos de Toy nublaram-se. E balbuciou, apenas uma resposta triste, desoladora, violenta como uma chicotada:  
—Eu... não sei beijar!

## VENTURA EXPEDITO...

POR ZÉCO



—Ora vamos para casa «Tótó», porque já são muito boas horas!...



—Que é isto? Parece-me que ouço serrabulho no meu quarto?!



—Busca «Tótó», enquanto eu acendo a lamparina!...



—Que é lá isso!... O seu paiite, já que está aí debaixo, faça o favor de me procurar o botão do colarinho que perdi esta manhã!...





# Beijo

Novela de Cristóvão Silva — Desenhos de Stuart

**A** pequena história que vais ler sucedeu. O seu valor reside, mesmo, só neste ponto: é um caso real. Onde se passou? Não importa. Se a dor é sempre igual, tem sempre a mesma intensidade em qualquer parte do mundo...

Podia parecer-te absurda, um paradoxo talvez. Mas a vida é assim, absurda, paradoxal, cheia de contrastes flagrantes e brutais! Lamento não saber fazer dela um pequeno poema. Limitar-me-ei a contá-la, desejando que as minhas palavras possuam a trágica simplicidade que os factos tiveram.

\*\*\*

Toy era um garoto, um pequeno homem de três palmos de altura, os cabelos escuros revoltos, o rosto precoceiramente vincado pela dor e pelo destino que o atormentava como a tantas outras crianças, sem que soubesse porquê. Dir-se-ia um desenho de Stuart. Não conhecia os pais — era um filho de uma noite de pecado, fora lançado na vida de uma forma estranha, mas vulgar. O seu mundo era apenas o bairro de ruas estreitas, por onde errava dia e noite. Ele conhecia a vida em toda a sua crua nudez. Por isso, intuitivamente, compreendeu que a lei da vida é a lei do mais forte e do mais hábil. E, esporeado pelo desejo de viver, valia-se da astúcia para poder resistir. Para ele, roubar uma laranja ou um pãozinho não era um delicto. Era um acto natural que pertencia a uma lei não escrita: a lei da vida. Ele tinha fome, a vendedeira pedia um preço para além das suas posses. Um pãozinho ou um fruto a mais ou a menos não lhe faria diferença, enquanto que para elle... era a vida. Nesses momentos, a sua mão tinha a rapidez do ataque de uma serpente e no seu rosto espalhava-se uma expressão de tão pura inocência que desarmava as vendedeiras desconfiadas. Afastava-se lentamente com um ar resignado. E, quando dobrava a primeira esquina, tirava uma maçã do bolso, esfregava-a na manga e, sorrindo, dava-lhe uma primeira dentada.

A sua vida? Era um conjunto de factos isolados unidos pelo destino, como marcos quilométricos ao longo de uma estrada. Qualquer coisa sem um objectivo, sem um fim. Queria viver apenas, embora não soubesse preocupar-se com o futuro. Para Toy não havia o «amanhã». Era tudo tão incerto!... Os recados que fazia, os favores que prestava em troca de uns centavos...

O seu mundo? Era o dedalo de ruas estreitas e tortuosas do bairro onde vivia. Errava por ali, as mãos nos bolsos, o olhar vivo. Havia ocasiões em que passava fome. Então aperitava um furo ao cinto e fazia por esquecer. Depois, quando arranjava uma moeda, que não lhe mataria a fome, aprendeu o caminho da taberna que lhe iludia o estômago:

- Uma «ginja».
- Com ou sem?
- Com.

A rôlha de vidro atravessada no gargalo da garrafa regulava a saída do líquido avermelhado. Uma, duas ginja saltavam no copito, engolia tudo de um trago. — «Ao menos aquece o estômago» — pensava quando saía.

Inconscientemente, Toy seguia por um plano em declive. Não tinha mão que o conduzisse. O meio em que vivia orientava a sua forma de viver. Dentro em breve seria talvez um assassino.

Altas horas da noite, vagabundeava pelo bairro, ia até ao «bar» e espiava o interior. Através do vidro embaciado via, numa atmosfera espessa de cortar à faca, mulheres pintadas, de voz rouca, envolvendo os homens no convite mudo do seu olhar. Os sons guturais de uma música sincopada escapavam-se para a rua juntamente com gargalhadas e o fumo dos cigarros. De quando em vez, um par saía, atravessava a rua e mergulhava numa escuridão veladamente. Uma noite (lembrava-se bem!) as portas tinham-se aberto violentamente e dois homens saltaram para a rua Soaram pragas. As lâminas das facas brilharam. E Toy ali perto, encostado a uma parede,

observava essa luta brutal e primitiva entre dois machos disputando uma fêmea. Na manhã seguinte, apenas um pouco de sangue manchava o solo. O criado do «bar» despejou lá um balde de água e alguma serradura. E Toy procurou saber porque se batiam os dois homens, assim com tal violência, por causa de uma mulher. Foi ter com um amigo, um velho cego que conhecia tão bem as pessoas como as moedas pelo tato. Lá estava sob o candeiro público que brilhava na noite como uma bola de fogo. Um polícia passava na ronda habitual. Suspenso do cinto, o bastão parecia um traço branco sobre a calça escura. Toy aproximou-se do amigo que, apoiado a uma bengala, a cabeça branca curvada ao péso dos anos, estendia a mão aberta numa súplica muda. Indiferentes, apressadas, as pessoas passavam parecendo não o notar. A luz pálida do globo luminoso caía numa chuva impalpável sobre ele, escorria numa claridade doirada sobre o pobre fato, modelando uma figura que podia ter interessado Velasquez. Toy contou-lhe o que presenciara e lançou a pergunta. Mas o velho abanou a cabeça:

— Tu nunca devias ter visto isso!  
E citou um versículo da Bíblia que Toy não compreendeu. Afinal foi outro garoto que, em troca de um cigarro, lho explicou. Desde então, uma ponta de cigarro ao canto da boca, a unha do polegar arranhando as cordas de imaginária viola, ouviam-no cantarolar às vezes com certa perversidade inconsciente:

*Para mim há duas coisas  
Melhores que outras  
Uma é um copo de vinho  
Outra uns lábios de mulher!*

Carinhos? Não, não conhecia. Lar também não tinha. Quando a hora de adormecer soava, ele vagueava pelas ruas estreitas em busca de um canto onde pudesse adormecer. Lá no alto, entre as paredes das casas, uma fita de estrelas prateadas cintilava. Cá em baixo, escuridão apenas. De quando em vez um clarão: a porta de uma taberna donde vinha um bafo quente a álcool. Vultos isolados passavam. Um gato miava em qualquer parte. E Toy caminhava pelas ruas escuras procurando uma porta aberta. Porque havia sempre uma porta aberta e iluminada. Porém, não eram essas que ele buscava. Quando encontrava aquela que lhe servia, aninhava-se a um canto. Depois, um outro vulto esgueirava-se para o interior, rente ao solo. Os seus olhos pareciam fogos-fátuos no escuro. E, ron-ronando, um gato aninhava-se junto dele.

Esta era a sua vida, a mesma vida de tantas outras crianças desamparadas. Até que «aquilo» sucedeu e o lançou num novo rumo.

Uma manhã, Toy acordou com a vaga sensação de que qual-

quer coisa agradável se ia dar. O pequeno pária lavou-se num lago, no repuxo que se elevava no ar, delgado e brilhante como a lâmina de uma espada. A luz caridiosa do sol caía sobre as ruas numa poalha luminosa. Roupita tremulava à brisa, em pequenas cordas suspensas entre as varandas floridas. Sentia-se a profunda influência da Primavera que banhava os seres num fluido vivificante. Toy também sentia esse poder desconhecido vindo de algures. Assobiando, bem disposto, caminhava sem rumo, como sempre.

Quando deu por si, saíra já do bairro e entrara em domínios desconhecidos. Um garoto, talvez da sua estatura, seguia-o. Notou isso porque o encontrara três vezes no caminho. O outro mirava-o de alto a baixo. Irritado, Toy interpelou-o:

— Eh! «pá», queres alguma coisa? Se não queres, gira daqui para fora!

A resposta insolente enfureceu-o. Atirou-se a ele. Mas, apanhado o primeiro sóco, o outro fugiu e os camaradas acorreram num movimento de solidariedade. Toy percebeu que não levaria a melhor. Bateu prudentemente em retirada. Atravessou a rua obliquamente, sem desfitar os outros. Então, Toy teve a sensação do perigo. Não sabia donde vinha mas sentia-os nitidamente. Viu a boca do adversário abrir-se num grito de pavor. Depois uma pancada brutal... e tudo escureceu e ficou negro como a morte.

\*\*\*

Despertou, numa sala de paredes claras, com um sabor amargo na boca. Uma névoa toldava-lhe ainda o pensamento. Camas brancas de ferro alinhavam-se ao longo das paredes, em filas. Longas janelas envidraçadas deixavam entrar, em jorros, a luz do sol e o perfume das flores. Toy fechou os olhos, cegos por essa claridade. Ouvia gargalhadas frescas esfustiar como o tilintar de cristais. E, perto, uma voz murmurou:

— Sentes-te bem?  
Abriu novamente os olhos. Inclinação sobre si, uma mulher jovem, de cabelos loiros, o corpo cingido numa bata branca, fitava-o. O

(Continua na pag. 23)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25844